

O Poder da Magia

Israel Regardie



BIBLIOTECA UPASIKA
www.upasika.com

Índice

Índice	pag 2
1.-Arte e Significado da Magia.....	pag 2
1.-Magia no Oriente e no Ocidente.....	pag2
Interesses Primários da Magia.....	pag4
Concepções Errôneas Objetivas.....	pag 5
Formas Divinas.....	pag5
Som em Conjurações Mágicas.....	pag6
A Cruz Cabalística.....	pag7
Lamaísmo e Eucaristia.....	pag9
Magia Talismânica.....	pag10
Consagração.....	pag11
As Peças de Mistério Tibetanas.....	pag12
O Papel do Ego.....	pag14
O Ritual do Não-Nascido.....	pag15
Teurgia e Desenvolvimento Espiritual.....	pag17
2. A Arte da Magia.....	pag18
Os Objetivos da Magia.....	pag18
Religião e Magia.....	pag19
Adivinhação.....	pag19
Geomancia, Tarô e Astrologia.....	pag21
Evocação.....	pag21
Personalização de Complexos.....	pag23
O Processo de Evocação.....	pag24
Visão.....	pag25
O Supremo Sacramento.....	pag27
Invocação.....	pag28
Iniciação.....	pag29
3. A Significação da Magia.....	pag31
Ciência e Magia.....	pag31
Definição de Magia.....	pag32
O Inconsciente.....	pag33
A Barreira Endopsíquica.....	pag34
Concentração e Emoção.....	pag36
Magia e Qabalah.....	pag37
A Luz Astral e o Inconsciente Coletivo.....	pag38
Verificação Experimental.....	pag39
A Realidade da Magia.....	pag41

1 - Arte e Significação da Magia

1 - Magia no Oriente e no Ocidente

Quando eu tinha dezessete anos de idade, um amigo emprestou-me um exemplar de *Lamaism*, do Major L. A. Waddel. Naquele tempo, o livro impressionou-me tremendamente, sem dúvida por causa de seu maciço tamanho. Em todos os sentidos era um tomo pesado e tomos sugeriam então profundidade e peso da erudição. Naquele tempo, naturalmente, eu nada sabia sobre Magia e, afora algumas tinturas Teosofistas, quase nada

sobre Budismo. Por isso, a maior parte da significação e da vasta erudição do livro deve terme passado completamente despercebida, embora ele seja um armazém de conhecimentos.

Depois, de repente, reapareceu em meu horizonte, também graças ao favor de um amigo. À luz do pouco conhecimento e experiência que eu adquirira no transcurso de vários anos, seu conteúdo excitou-me enormemente e foi com o máximo interesse que eu reconsiderarei. Para mim, uma das coisas que mais se destacaram enfaticamente desta vez foi a extraordinária semelhança - e mesmo a fundamental unidade das concepções mágicas mais elevadas e mais básicas, tanto do Oriente quanto do Ocidente. Não é minha intenção discutir agora se isso é devido, como afirmam muitos expoentes da sabedoria oriental, à importação direta da filosofia e prática oculta do Oriente pela civilização Ocidental. Não obstante, é minha crença ponderada que nos países ocidentais houve definitivamente uma tradição secreta em nível prático tradição que durante séculos transmitiu oralmente o melhor desse conhecimento mágico. De fato, tão cuidadosamente guardada em todos os tempos, foi essa tradição que mal chegou a ser suspeitada pela maioria das pessoas. Muito poucos foram os indivíduos afortunados que em qualquer época se viram arrastados, como que por correntes invisíveis de afinidade espiritual, até os portais ocultos de seus templos.

Ocasionalmente, pequena porção dessa tradição rigorosamente oculta infiltrou-se em livros. Alguns deles são aqueles escritos por Jâmblico e os Neoplatônicos mais tardios, e também por estudiosos como Cornelius Agrippa, Pietro d'Abano e Eliphas Levi. Seus elementos mais toscos encontraram expressão nas famosas Clavículas, nos Grimórios e nas Goétias. Contudo, em sua maior parte, a verdadeira seqüência do ensinamento e as vastas implicações de seu conhecimento prático foram, como se disse acima, mantidas em estrita privacidade. A razão deste segredo talvez tenha sido a impressão de que, em qualquer época, em qualquer país e entre qualquer povo, só existe pequeno número de pessoas com probabilidade de apreciar ou compreender os aspectos mais profundos ou mais sublimes da Teurgia, a magia superior. Isso exige simpatia, muita intuição e a capacidade do árduo trabalho que, é desnecessário dizer, poucas pessoas possuem. Conseqüentemente, há pouco sentido em difundir dispersivamente essas pérolas de brilhante conhecimento, que só poderiam ser mal compreendidas.

Sem dúvida, esta conclusão é corroborada por *Lamaism* de Waddel. De fato, muito do chamado conhecimento mágico esotérico está nele contido mas é apresentado inteiramente sem compreensão. Conseqüentemente, sua declaração sobre aquele aspecto particular do Lamaísmo é viciada e tornada praticamente inútil. E embora possa concordar com Waddel em que algumas práticas Lamaístas pouco têm a ver com o Budismo Histórico, suas zombarias a respeito de um Budismo esotérico do lado mágico das coisas é simplesmente risíveis, pois seu próprio livro é uma clara demonstração precisamente daquele fato que ele absolutamente não percebeu.

Seu livro, é óbvio, destinava-se principalmente a ser um relato objetivo sobre o Budismo indígena do Tibete, como é praticado por seus monges e eremitas. Infelizmente, os preconceitos e equívocos do autor são mal escondidos. De modo que, embora tenha escolhido alguma das migalhas caídas casualmente da mesa esotérica dos lama, e as tinha

registrado provavelmente como as encontrou, ele não tinha o necessário treinamento, conhecimento ou intuição do assunto, que sem dúvida possuíam alguns dos lamas iniciados superiores com os quais conversou. O resultado é que foi incapaz de fazer alguma coisa com aquela informação. De fato, seu relato sobre as práticas dos lamas parece simplesmente tolo ou absurdo. Psicologicamente, consegue tornar ridículo, não os lamas, mas apenas ele próprio.

Certos aspectos da Teurgia ou Magia Ocidental foram agora expostos comparativamente com clareza. Alguns comentaristas e críticos manifestaram a opinião que meu trabalho anterior, *The Tree of Life*, foi uma declaração elementar de seus maiores princípios tradicionais, mais clara do que já foi feita até então. E o livro de Dion Fortune, *A Cabala Mística*, verdadeira obra-prima, é também uma apresentação incomparavelmente boa da filosofia mística que sustenta a prática mágica. Sugiro, por isso, que empregando os teoremas empregados naqueles dois livros e aplicando-os ao material do *Lamaism*, de Waddel, podemos chegar a compreensão de alguns pontos da Magia Tibetana, que sem isso permaneceriam obscuros.

Interesses Primários da Magia

Talvez convenha, de início, confessar que boa parte da rotina mágica refere-se a um plano psíquico, a certos níveis do inconsciente coletivo, embora de maneira nenhuma isso a condene totalmente, como se sentem inclinadas a fazer certas escolas místicas. Outros ramos dizem a respeito a realizações fenomenais, como fazer chover, obter boas colheitas, espantar demônios e feitos semelhantes, com os quais a lenda tanto oriental quanto ocidental nos familiarizou feitos, ademais, cuja rejeição exige muita explicação dos racionalistas e mecanicistas. Por fim, existe uma parte infelizmente grande que beira a feitiçaria pura e simples. Por esta última nunca me interessei.

Mas sustento, como definição primária, que Magia, tanto da variedade oriental quanto ocidental, é essencialmente um processo divino Teurgia, um modo de cultura ou desenvolvimento espiritual. Do ponto de vista psicológico, talvez possa ser interpretado como uma série de técnicas, tendo como finalidade a retirada de energia de objetos objetivos e subjetivos, para que, na renovação da consciência pela libido reemergente, possa ser encontrada a jóia de uma vida transformada, com novas possibilidades criativas e espontaneidade. Compreende ela vários métodos técnicos, alguns de natureza simples, outros altamente complexos e de realização muito difícil, para purificar a personalidade e, naquele organismo limpo, livre de tensão patogênica, invocar o eu superior.

Tendo isto em mente, muitos dos itens da Magia aparentemente desconexos, algumas das suas invocações e práticas de visualização, adquirem nova e acrescida significação. São passos psicológicos importantes por meio dos quais reparar, melhorar ou elevar a consciência, de modo que ela oportunamente possa mostrar-se um veículo digno da Luz Divina. Uma ou duas sentenças escritas há muitos anos por Willian Quan Judge, em seu panfleto *Na Epítome of Theosophy*, expressam com tanta exatidão a impressão a ser transmitida que merece ser citada: “O verdadeiro objetivo a ter em mente é abrir ou tornar

porosa a natureza inferior, para que a natureza espiritual possa brilhar através dela e tornar-se o guia e governante. É ‘cultivada’ somente no sentido de ter um veículo preparado para seu uso, dentro do qual possa descer.”

Esta concepção é igualmente o ponto de vista de nosso sistema mágico. As formas técnicas de Magia descritas em *The Golden Dawn*, como o Pentagrama e outros rituais, representações astrais de formas divinas, evocações (embora não necessariamente para manifestação física) de espíritos elementares e planetários, perscrutação do espírito-visão e invocação do Sagrado Anjo da Guarda, são todas executadas tendo sempre em mente aquele único objetivo. A Teurgia e os expoentes dos misticismos orientais estão assim em completa concordância com os princípios teóricos fundamentais.

Concepções Errôneas Objetivas

Para ilustrar o que agora entendo por equívoco completo que pode ser praticado num relato puramente objetivo das práticas mágicas, será interessante considerar apenas algumas declarações feitas por Waddel. Antes de tudo, permitam-me citar a página 152(2a edição) de seu trabalho: "O mais puro lama Ge-Lug-para, após acordar cada manhã, antes de aventurarse a sair de seu quarto, fortalece-se contra ataque dos demônios, assumindo antes de tudo o disfarce espiritual de seu temível tutelar ... Assim, quando o lama sai de seu quarto ... apresenta espiritualmente a aparência do demônio-rei, e os demônios malignos menores, iludidos na crença de que o lama é de fato seu próprio e vingativo rei, fogem de sua presença, deixando assim o lama ileso."

Seguramente, essa é uma interpretação pueril. Embora o próprio fato da adoção de formas espirituais de divindades tutelares seja perfeitamente correta, os fundamentos lógicos por ele oferecidos são infantis e estúpidos. No que tange a Teurgia Ocidental, séculos de esforço mostraram que um dos mais potentes adjuntos da experiência espiritual, como ajudar a assimilação do eu inferior na psique total, é a adoção astral da forma mágica de uma força divina ou uma divindade. Por meio da exaltação da mente e da alma à sua presença, ao mesmo tempo em que é dada expressão a uma invocação, admite-se que pode haver uma descida de Luz ao coração do devoto, acompanhada *pari passu* por uma ascensão da mente em direção ao inefável esplendor do espírito.

Formas Divinas

No que se refere à razão e explicação deste processo, pode-se muito bem declarar concisamente que, de acordo com a hipótese mágica, todo o cosmo é impregnado e vitalizado por uma vida onipresente, que é por si só tanto imanente quanto transcendente. No alvorecer da manifestação do universo, saído da triplamente desconhecida escuridão, surgem as Vidas grandes deuses e forças espirituais, *Cosmocratores*, que se tornam arquitetos e construtores inteligentes das partes manifestas do universo. De sua própria essência espiritual individual, são geradas outras hierarquias menores, que por sua vez emanam ou fazem evoluir de si próprias ainda outros grupos. Estes são os que representam

nas profundidades ocultas da psique aquelas idéias primordiais, que Jung chama de imagens arquetípicas, sempre presentes no inconsciente coletivo da raça.

Assim é que, através da união do consciência humana com a essência dos deuses em uma escala ascendente, a alma do homem pode aproximar-se gradualmente da raiz e fonte final do seu ser. No esquema budista, isto constitui "a essência da mente que é intrinsecamente pura", o *Darmakaya*, corpo divino incondicionado na verdade. A intenção de assustar demônios malignos não tem lugar no âmbito desta técnica. É difícil presumir se esta hipótese originou-se ou não do Major Waddel, embora a tese seja comum a todos os povos primitivos. Provavelmente foi formulada por um lama com predisposição mais leviana, a fim de pôr termo a questões mais importantes, embora, ao mesmo tempo, seja verdade que, em momento de perigo psíquico, a adoção de uma forma divina é de enorme ajuda. Não porque o elemento ameaçador ou demônio, por exemplo, seja enganado ou assustado pela forma. Mas porque o operador, abrindo-se para uma fase do espírito divino ao adotar sua forma simbólica, traz para si ou é dotado da autoridade ou domínio daquele deus.

No que se refere a forma ocidental de magia, foi no Egito que essas formas cósmicas receberam cuidadosa atenção e suas qualidades e atributos foram observados e registrados. Surgiram assim pictografias convencionalizadas de seus deuses, que têm significação profunda, embora sejam simples na comovedora eloquência de sua descrição. As formas divinas egípcias é que são usadas na magia ocidental, não aquelas do Tibete e da Índia. Em *The Mahatma Letters* pode ser encontrado um parágrafo muito profundo no qual K.H. escreveu a A.P. Sinnet: "Como seria possível você fazer-se compreender dominar de fato aquelas forças semi-inteligentes, cujos meios de comunicação conosco não são palavras faladas, mas sons e cores, em correlações entre as vibrações das duas coisas. Isso porque som, luz e cor são os principais fatores na formação desses graus de inteligência..."

Embora não seja prudente entrar mais profundamente nessa questão, as observações de K.H. aplicam-se igualmente a outras forças e poderes, além dos elementos. A forma astral de cor e luz assumida na imaginação cria um molde ou um focode tipo especial, no qual, por modos técnicos de vibração e invocação, a força ou poder espiritual desejado se encarna. Revestido sua própria forma astral com a figura ideal do deus, agora visualizada pela descida da força invocada, sustentase que o homem poder ser adotado ou exaltado no próprio seio da divindade e assim retornar gradualmente, com a aquisição de sua própria humanidade, àquela Raiz indescritível e misteriosa de onde veio originalmente.

Som em Conjurações Mágicas

Outro exemplo da falta de humor e introversão de Waddel ocorre na página 322. Descrevendo o treinamento do noviço, é dito ali que o lama adota uma "voz profunda e rouca, adquirida por meio de treinamento, a fim de transmitir a idéia de ela emana maturidade e sabedoria". Não sei se algum de meus leitores presenciou qualquer espécie de cerimônia mágica ou ouviu uma invocação recitada por um praticante habilitado - embora possa-se dizer que poucos o fizeram. Sempre é adotado o tom que produz o máximo de vibração. Para muitos estudantes, uma entoação profunda ou um zumbido é a que vibra

mais, Por isso, esse é o tom ideal para despertar do interior as sutis forças mágicas necessárias. Tem sido observado também que as melhores invocações são sempre sonoras e intensamente vibrantes. A idéia de que a voz deve sugerir maturidade e sabedoria é pura tolice. Este é outro exemplo do desprezo ocidental e não uma tentativa simpática de tentar realmente compreender um sistema estrangeiro. Os espécimes tibetanos de rituais dados por Waddel contêm um divertido número de *Oms, Hums, Has e Phats*, mas as conjurações ocidentais contêm igualmente nomes bárbaros de evocação igualmente divertidos Yah, Agla, etc.

Dessa questão de sons em conjurações mágicas eu tratei um tanto extensamente em outro lugar. Basta observar aqui que, na *Doutrina Secreta*, Madame Blavatsky sugere que o uso vibratório de conjurações e som tem geralmente profunda significação. "Som e ritmo", observa ela, "estão estreitamente relacionados com os 4 elementos... Uma ou outra vibração no ar certamente provoca poderes correspondentes, com os quais uma união produz bons ou maus resultados, conforme o caso." Toda a questão de som e o emprego dos chamados nomes bárbaros de evocação precisam ser perfeitamente estudados, antes que se atreva a sugerir uma explicação acusando magos ou lamas de terem simplesmente *pose* de sabedoria.

A Cruz Cabalística

Observa-se com viva atenção que os tibetanos têm uma forma daquilo que aqui no Ocidente é chamado como Cruz Cabalística. Na página 423 do livro de Waddel há a seguinte descrição:

"Antes de começar qualquer exercício devoto, os lamas superiores executam uma manobra que tem estreita semelhança com o 'sinal da cruz' dos cristãos. O lama toca delicadamente a testa com o dedo ou a sineta proferindo o místico Om, depois toca o alto do peito, dizendo Ah, em seguida o epigastro (a boca do estômago), dizendo Hum. Alguns lamas acrescentam Sva-ha, enquanto outros completam a cruz, tocando o ombro esquerdo e dizendo Dam e depois Yam. Afirma-se que o objetivo dessas manipulações é concentrar as partes do Sattva, isto é, corpo, fala e mente, sobre a imagem ou divindade com quem vai comunicar-se."

Antes de comentar o que está dito acima, torna-se imperativo indicar certas teorias fundamentais encontradas em alguns livros da Qabalah. Se o leitor está familiarizado com a esplêndida *Introduction to the Study of the Kaballah*, do Dr. Wm. W. Westcott, ou com o livro *A Cabala Mística*, de Dion Fortune, terá visto ali um diagrama atribuindo as 10 Sephiroth à figura de um homem. Acima da cabeça, formando uma coroa, está Kether, que representa o espírito divino, e aos pés está Malkuth. Aos ombros direito e esquerdo são atribuídos Gevurah e Gedulah, Marte e Júpiter, Poder e Majestade. Na pneumatologia cabalística, Kether está em correspondência com a Mônada, a dinâmica e essencial individualidade de um homem, o espírito que procura experiência através da encarnação aqui na terra.

É altamente significativo o fato dessa Sefirah ou potência ser colocada acima da cabeça e não, digamos, dentro do cérebro ou no centro do coração. É a Luz do espírito que brilha sempre sobre as trevas abaixo. ("O espírito do homem é a candeia do Senhor." E ainda: "Quando sua candeia brilhava sobre minha cabeça e à sua luz eu caminhava através das Trevas.") Esta é uma idéia que tem paralelos também em outros sistemas. Por exemplo, em *The Epitome os Theosophy*, Judge escreve: "Sustenta-se que o verdadeiro homem, que o eu superior, sendo a centelha do Divino, ofusca o ser visível, que tem a possibilidade de tornar-se unido àquela centelha. Assim é dito que o Espírito superior não está no homem, mas acima dele."

Todo processo místico e mágico tem como objetivo purificar o eu inferior, de modo que aquele eu superior, que normalmente apenas nos ofusca e raramente está em plena encarnação, possa descer para um veículo purificado e consagrado. A tradição teúrgica afirma que pela execução da Cruz Cabalística, entre outras coisas, esse fim pode ser atingido. Como exercício devoto ou meditação, ela é usada em colaboração com as formulações de certas figuras lineares e as vibrações de nomes de poder, seguidas pela invocação dos 4 grandes arcanjos. Na forma Ocidental é o seguinte:

1. Toque a testa e diga *Ateh*(Tu és)
2. Toque o epigastro e diga *Malkuth*(O Reino)
3. Toque o ombro direito e diga *Ve-Geburah*(E o Poder)
4. Toque o ombro esquerdo e diga *Ve-Gedulah*(e a Glória)
5. Cruzando as mãos sobre o coração, diga *le-Olam, Amen*(para todo o sempre, Amém)
6. Aqui siga com os Pentagramas adequados, voltados para os pontos cardeais e vibrando os nomes de poder
7. Estendo os braços em forma de cruz, dizendo:
8. À minha frente Rafael, atrás de mim Gabriel
9. À minha direita Miguel, à minha esquerda Auriel.
10. Diante de mim brilha o Pentagrama,
11. Acima de mim resplandece a Estrela de 6 raios.
12. Repita 1-5, a Cruz Cabalística

No que se refere a este pequeno ritual, pode-se descrever sua ação sob vários títulos. Primeiro, invoca os poderes do eu superior como fonte constante de vigilância e orientação. Coloca os processos subsequentes sob a égide divina. Tendo em seguida banido, pelo traçado dos pentagramas apropriados, todos os seres não essenciais dos quatro pontos cardeais com ajuda dos quatro nomes de quatro letras de Deus, chame então os quatro Arcanjos - as quatro funções concretizadas do mundo psíquico interior e o par dual de opostos - para proteger a esfera de operação mágica que é o círculo do eu. Encerrando, invoque mais uma vez o eu superior, para que, do começo ao fim, a cerimônia inteira esteja sob a guarda do espírito. A primeira seção, compreendendo os itens de 1 a 5, indentifica o eu superior do operador com os aspectos superiores do universo sefirótico. De fato, afirma a identidade essencial da alma com a consciência coletiva de toda humanidade.

Tentando-se uma nova análise, a palavra hebraica *Ateh*, que significa "Tu", refere-se ao esplendor branco divino, o eu superior que ofusca cada homem. Fazendo descer a Luz para a boca do estômago que representa simbolicamente os pés, pois curvar-se até os pés seria um gesto grotesco estabelecese na imaginação a haste vertical de uma cruz de Luz. A haste horizontal é definida tocandose ambos os ombros e vibrando as palavras com as quais se declara que as qualidades do eu superior incluem poder e majestade, severidade e amorosa bondade. Equilíbrio é a característica especial da cruz como símbolo particular e o traçado da Cruz Cabalística dentro da aura afirma a descida do espírito e seu equilíbrio dentro da consciência ou dentro da esfera mágica. A significação é ainda mais acentuada pelo gesto de cruzar as mãos sobre o centro *Tiphareth*, o local cardíaco da harmonia e equilíbrio, e dizer *le-Olam*, Amém para sempre

A palavra sânscrita *Sattva* implica pureza, ritmo e harmonia, e as três *Gunas*, ou qualidades, referem-se ao espírito. Igualmente no equivalente ocidental desse esquema, a alquimia, as três qualidades correspondem aos três principais princípios químicos, sal, enxofre e mercúrio. Desses, o Mercúrio Universal é um atributo de *Kether* o Santo Anjo que é o divino Guardião e Vigilante, ofuscando a alma do homem, sempre esperando uma aproximação ordenada para que seu veículo possa ser elevado à sua glória. Existe aqui, portanto, uma semelhança muito grande entre o exercício do devoto tibetano e aquele que é recomendado como umas das mais importantes práticas da Magia Cabalística da Tradição Ocidental.

Lamaísmo e Eucaristia

Na seção do livro em que Waddel descreve a celebração lamaística da Eucaristia, é encontrado outro importante paralelismo. Ele descreve como o sacerdote ou lama que oficia a cerimônia é obrigado a purificar-se durante a maior parte das vinte e quatro horas precedentes, por banhos cerimoniais e elevação da mente por meio da repetição contínua de mantras ou invocações. A descrição efetiva do aspecto interior ou mágico do ritual, embora não seja exposta particularmente bem, é dada pelo que vale: "Estando tudo pronto e a congregação reunida, o sacerdote, o cerimonialmente purificado pelos ritos ascéticos acima indicados e paramentado com a túnica e o manto, retira da grande imagem de Buda o *Amitayus* parte da divina essência daquela divindade, colocando o *vajra* de seu *rdor jethi t'ag* sobre o vaso do néctar que a imagem do *Amitayus* segura em sua lâmpada e aplicando a outra extremidade sobre seu próprio peito, no local do coração. Assim, pelo cordão, como que por um fio telegráfico, passa o espírito divino e o lama deve conceber mentalmente que seu coração está em união efetiva com o do deus *Amitayus* e que, no momento, ele próprio é o deus."

Depois dessa meditação, o arroz ofertado e o líquido em um vaso especial são consagrados por invocações muito "fortes" e música de címbalo. Em seguida, o alimento e a água consagrados são tomados pela assembléia.

Do ponto de visto Teúrgico, o fundamento lógico da Eucaristia é muito simples. Pode haver inumeros tipos de Eucaristia, todos tendo em vista fins diferentes. É escolhida uma

substância que, de acordo com a doutrina de simpatias, tenha afinidade especial por determinada espécie de força espiritual ou divindade e aquela substância é consagrada. Assim, uma hóstia de trigo é a substância da divindade do trigo, atribuída aos poderes de Vênus ou ao elemento Terra, presidido por Ceres ou Perséfone. Óleos penetrantes são atribuídos especialmente ao elemento fogo, cuja divindade tutelar é Hórus. Olivas são consagradas à força força representada pelo signo de Aquário, o elemento ar, e à deusa Hathor. E vinho é atribuído a Dionísio e aos deuses solares, geralmente Osíris, Rá, etc.

Por uma complicada tabela de correspondências, é possível selecionar qualquer substância para ser a base física da manifestação de uma idéia espiritual. A consagração, cerimonialmente, da base material por meio de uma invocação da força divina, configura o que vulgarmente se chama milagre da transubstanciação. Para usar uma terminologia mágica preferível, a substância é transformada de um corpo inerte e morto em um organismo vivo, um talismã em suma. A consagração carrega-o e dá-lhe alma, por assim dizer.

Magia Talismânica

Neste ponto, devo registrar minha enfática discordância com os escritores de ciência e da Magia que, impressionados indevidamente ou de maneira errônea pela psicologia moderna, explicam o efeito de um talismã como sendo inteiramente devido a sugestão. Isso é puro disparate. E eu só posso presumir que quem expõe tal espécie de argumento não tem a menor experiência desse tipo de trabalho mágico. É essa espécie de experiência que abrange ou que deve abranger a primeira parte do trabalho prático inicial de uma pessoa no lado técnico da Magia. E falta de experiência, mesmo nesse aspecto elementar de virtuosismo técnico, vicia a opinião de todas as opiniões sobre outras formas.

Enfrentamos aqui o mesmo problema que surgiu há mais de um século em outra esfera. Os primeiros grandes magnetizadores depois de Mesmer grandes nomes como Puysegur, Deleuze, Du Potet e La Fontaine sustentaram que, por meio da vontade e da imaginação, eram capazes de abrir-se a um influxo de fora e depois transmitir de seu próprio organismo uma espécie de poder vital ou magnetismo animal. Afirmavam que essa força, que impregna todo espaço, podia ser usada terapêuticamente. Posteriormente, quando tentavam apropriar-se dos fenômenos de transe e métodos de curas iniciados pelos mesmeristas, médicos da escola ortodoxo eliminaram a teoria da força transmissível efetiva e em seu lugar empregaram a teoria de sugestão. Começando com Braid e continuando em uma linhagem de investigadores muito bons, uma duplicação dos fenômenos magnéticos foi conseguida por meios puramente psicológicos sem recurso a qualquer hipótese de magnetismo animal.

Mas, o fato de fenômenos poderem ser reproduzidos por um método não implica necessariamente que sua duplicação por outro seja falsa. É bem possível que feitos semelhantes possam ser realizados por técnicas absolutamente separadas, baseadas em hipóteses diferentes cada uma delas válida em sua própria esfera e cada uma delas capaz de

explicar um conjunto de fatos. Em qualquer caso, a realidade do magnetismo animal ou a transmissão do que no Oriente foi chamado *prana*, vitalidade, nunca foi desmentida.

Pelo contrário, é simples prová-la de maneira perfeitamente adequada. Digamos que uma pessoa normal suspenda seus dedos sobre o braço de uma segunda pessoa, imaginando e querendo que seu *prana* escorra de seus dedos em longas e tênues correntes de energia. Se a segunda pessoa ficar sentada, absolutamente imóvel e cultivar a objetividade de sentir e esperar, logo sentirá uma fria corrente de ar sobre o braço ou um formigamento na ponta de seus próprios dedos, que provém do influxo de *prana*. Esta é uma experiência muito afastada de sugestão, pois pode ser efetuada com aqueles que não tem a menor idéia dos princípios fundamentais envolvidos e que, portanto, não são diretamente suscetíveis à sugestão nesse caso.

Espontaneamente e sem estimulação, observarão que foi efetuada uma transmissão tangível de vitalidade. Deve ser possível testar isso com algum instrumento muito delicado. Ademais, em um aposento escuro, essas correntes que saem dos dedos podem ser facilmente vistas, se a mão for mantida diante de um pano preto.

Além disso, a capacidade de uma pessoa de gerar esse poder é passível de cultivo. Desenvolvi este tema do ponto de vista da autoterapia em *A Arte da Verdadeira Cura* (ver no final deste volume). Sugiro também que o leitor interessado consulte a obra *Hipnotism and Self-Hipnotism*, do Dr. Bernard Hollander, onde os problemas de sugestão e hipnotismo animal são discutidos com certa minuciosidade, a propósito de trabalho experimental e discutidos muito inteligentemente.

Em suma, permitam-me dizer que a sugestão não invalida o fato do magnetismo animal, nem o efeito de um talismã carregado. Pois, como já disse, estamos diante do mesmo problema surgido anos antes, quanto ao transe e aos fenômenos terapêuticos do mesmerismo serem devidos realmente a sugestão ou a uma sobrecarga de vitalidade. Se energia pode ser transmitida a um indivíduo, como eu sustento, porque não pode sê-lo a uma substância específica que tenha natureza particularmente apropriada para receber uma carga? A tradição sempre afirmou que metais e pedras preciosas, velino e pergaminhos constituem boa base material para talismãs. Se a vitalidade do operador é aumentada por simples exercícios de meditação, como foram descritos em *A Arte da Verdadeira Cura*, ou pelos métodos mágicos diretos de invocação e visualização de formas divinas, uma carga muito poderosa é dada à base material do talismã.

Por si só, porém, o talismã nada é. Só se torna eficaz quando apropriadamente consagrado e vitalizado. Assim, a substância Eucarística nada vale, até ter sido devidamente consagrada por uma cerimônia mágica apropriada e transformada no veículo de um tipo de força.

Consagração

O modo de consagração, naturalmente, não será aqui integralmente descrito, por ser coisa demorada e técnica. Uma das partes importantes da cerimônia de consagração de um talismã ou de uma substância Eucarística é a adoção astral da forma divina. Após ter

determinado a natureza da força divina que deseja invocar e tendo selecionado a substância material de natureza compatível com aquela força, o operador precisa esforçar-se durante sua cerimônia de consagração para exaltar o espírito dentro de si, a fim de identificarse realmente, de uma ou outra maneira, com a consciência daquela determinada força ou divindade. Quanto mais perfeita e completa for essa união dinâmica, mais automática e simples se tornará a carga subsequente do talismã. No caso da Eucaristia, a idéia não é, porém, apenas a identificação espiritual com a divindade, como preliminar da ascensão ao Deus universal desconhecido, mas a transmutação alquímica do veículo inferior em corpo glorificado.

Embora a consciência superior do mago possa ser dissolvida em êxtase, torna-se imperativo criar um elo mágico entre aquela consciência divina e seu corpo e emoções físicas. Por isso, a magnetização cerimonial de uma substância material, seja hóstia, vinho ou erva, impregna-a com aquela mesma força divina. Sua ingestão introduz aquela força transmutadora no próprio ser e fibra do mago, para efetuar o trabalho de transformação. Como escreveu certa vez o autor que usava o pseudônimo Therion: "O mágico torna-se repleto de Deus, alimentado de Deus, intoxicado de Deus. Pouco a pouco, seu corpo será purificado pela lustração interna de Deus; dia a dia, sua forma mortal, desprendendo-se de seus elementos terrenos, se tornará com muita verdade o Templo do Espírito Santo. Dia a dia, a matéria é substituída pelo Espírito, o humano, pelo divina; finalmente, a mudança será completa: Deus manifesto na carne será seu nome."

Para apreciar isto, é necessária alguma pequena experiência mágica, mas penso que esta explicação simplificada lançará, sobre a efetiva natureza da cerimônia, mais luz do que a descrição de Waddel.

Não desejo senão com poucas palavras a validade de uma cerimônia eucarística celebrada por outro que não o próprio operador. Tendo em mente que uma cerimônia eucarística convenientemente realizada resulta na produção de um talismã, torna-se claro que essa espécie de operação beneficia principalmente aquele que a efetua. Em meu modo de pensar, parece inútil distribuir a Eucaristia em bloco. Segundo consta, Buda observou que nenhuma cerimônia tem a menor utilidade para a obtenção de salvação ou rendenção. Não me parece que com essas palavras ele tenha atacado a tradição mágica, mas, sim, cerimônias em massa, nas quais a audiência não desempenha o menor papel ativo.. Não há estimulação voluntária dos princípios espirituais da audiência é uma participação vicária passiva nos trabalhos de uma outra pessoa. A Magia, como o Budismo, concorda com o dito de Madame Blavatsky de que "a doutrina central da doutrina esotérica não admite privilégios ou dotes especiais no homem, salvo aqueles conquistados por seu próprio ego através de esforço e méritos pessoais ..."

As Peças de Mistério Tibetanas

Há um tópico final que desejo referir-me com certa demora antes de encerrar este estudo comparativo. A fim de fazê-lo, é necessário no momento deixar Waddel para reportar-me aos escritos de outros dois estudiosos tibetanos, Madame Alexandra David Neel e Dr. W.

Y. Evans Wentz. Ambos escreveram com simpatia e compreensão sobre a religião tibetana e práticas mágicas. O assunto a ser considerado é uma peça de mistério tibetana em relação a um ritual mágico ocidental.

Chöd é uma espécie de drama de mistério e nele o mago ou iogue é o único ator. O Dr. Evans Wentz, em sua magistral introdução à tradução da peça ou ritual, em *Tibetan Yoga and Secret Doctrines*, explica isso.

"O rito *Chöd* é antes de tudo, um drama místico, desempenhado por um único ator humano, assistido por numerosos seres espirituais, visualizados ou imaginados como presentes em resposta à sua invocação mágica. O palco é um aterrador local selvagem, muitas vezes nos nevados redutos do Himalaya Tibetano, de doze, quize ou mais mil pés acima do nível do mar. Geralmente, é de preferência um lugar onde cadáveres são cortados em pedaços e dado a lobos e abutres. Nas altitudes menores de Bhutan ou Sikkin, pode ser escolhida a solidão de uma densa selva, mas nos países onde cadáveres são cremados, como Nepal e Índia, é preferível um terreno de cremação. Cemitérios ou locais que se acredita serem assombrados por espíritos malignos e demoníacos são sempre adequados.

Longos períodos probatórios de cuidadosa preparação sob um mestre de *Chöd* são exigidos antes que o noviço seja considerado apto ou tenha permissão para executar o rito psiquicamente perigoso... De início, o celebrante do Rito *Chöd* é levado a visualizar-se como sendo a Deusa da Sabedoria que Tudo Realiza, por cuja vontade oculta ele recebe poderes misticamente; e depois, quando faz soar a trombeta de osso da coxa, invocando os *gurus* e as diferentes ordens de seres espirituais, ele inicia a dança ritual, com mente e energia inteiramente devotadas ao supremo fim de perceber, como ensina Mahayana, que *Nirvana* e *Sangsara* são, na realidade, uma unidade inseparável.

s estâncias de três a sete, inclusive, sugerem o profundo simbolismo por trás do ritual; e este simbolismo, como se verá, é dependente das Cinco Direções, os Cinco "Continentes" correspondentes da cosmografia *lamaica* com suas formas geométricas, as Cinco Paixões (ódio, orgulho, lascívia, inveja e estupidez), que o *yogin* pisoteia triunfantemente sob a forma de demônios, e as Cinco Sabedorias, antídotos das Cinco Paixões... Na nona estância ocorre o dramático lanceamento dos elementos do Eu com as danças das Cinco Ordens de *Dakinis*. Enquanto o Mistério prossegue e o *Yogin* prepara-se para o sacrifício místico de sua própria forma carnal, é revelada a verdadeira significação do *Chöd* ou eliminação."

Assim, o *Chöd*, tal como explica Evans Wentz, é visto como uma cerimônia mágica altamente complicada, na qual o lama, identificandose com uma deusa através da adoção visualizada de sua forma astral ou ideal, invoca o que no Ocidente chamaríamos de anjos, espíritos e elementos para assistir sua cerimônia. Convida-os deliberadamente a entrar em sua esfera. Não atua mais, como em outras formas especializadas de invocação, selecionando apenas uma determinada força e tentando manter todas as outras fora de sua esfera de consciência. Agora ele cria um vácuo, por assim dizer; abre-se completamente e,

inteiramente perceptivo, permite que quaisquer influências o penetrem cada vez mais e participem de sua natureza.

Em um sentido, ele sacrifica seu ser a elas. Sua mente, emoções e sentimentos, os órgãos e membros de seu corpo físico, as minúsculas células e vidas que o compõem, tudo é entregue aos invasores para consumo, se o desejarem. "Durante séculos, no curso de renovados nascimentos, eu tomei emprestado de inumeráveis seres vivos - à custa de seu bem estar e sua vida - alimentos, roupas e toda espécie de serviços para sustentar meu corpo, mantê-lo jovialmente em conforto e defendê-lo contra a morte. Hoje, pago minha dívida, oferecendo para destruição este corpo que queria tanto. Dou minha carne aos famintos, meu sangue aos sedentos, minha pele para cobrir aqueles que estão nus, meus ossos como combustível para aqueles que sofrem frio. Dou felicidade aos infelizes. Dou minha respiração para trazer de volta a vida os que estão morrendo."

É, em suma, uma forma muito idealizada de sacrifício pessoal, na qual a individualidade inteira é aberta, hipoteticamente, a quem quer que deseje possuí-la. Como operação mágica, deve classificar-se muito em virtuosismo técnico e, para quem esteja suficientemente dotado de dons mágicos para executá-la, é um ritual eficaz no que se refere a resultados.

A fase final do drama é habilmente descrita por Madame David Neel nesta passagem:

"Agora ele deve imaginar que se tornou um monte de ossos humanos carbonizados que emergem de um lago de lama preta a lama da miséria, de sujeira moral e de feitos nocivos com que ele cooperou no decurso de inúmeras vidas, cuja origem está perdida na noite do tempo. Ele deve perceber que a própria idéia de sacrifício não é senão ilusão, uma ramificação de orgulho cego e infundado. De fato, ele *nada tem* para dar, porque ele *nada é*. Simbolizam aqueles ossos inúteis a destruição de seu fantasma. O "Eu" pode afundar no lago de lama, que não tem importância. A silenciosa renúncia do ascético, que percebe que nada tem que possa renunciar e que abre mão completamente do júbilo resultante da idéia de sacrifício, encerra o rito.

O Papel do Ego

Tentando uma comparação entre este rito *Chöd* e rituais mágicos europeus, defrontamo-nos de início não com o problema da inferioridade de concepção ou perícia técnica, como muitos pensaram até hoje, mas com uma vasta diferença de perspectiva metafísica. Isto é, existe uma oposição marcadamente enunciada de objetivo tanto filosófico quanto pragmático. Em comum com todas as escolas e seitas do Budismo, o Mahayana é diretamente antagônico à idéia de Ego. Toda sua filosofia e código ético estão diretamente relacionados com a eliminação do "Eu" pensante. Sustenta que esse "Eu" é puramente uma fantasia nascida da ignorância infantil, tal como a noção medieval de que o Sol girava ao redor da Terra era resultado de conhecimento imperfeito. Por isso, todo o esquema religioso e filosófico é dirigida no sentido de erradicar essa fantasia do pensamento de seus discípulos. Esta é a doutrina *Anatta* e sua importância para o Budismo funda-se na crença que essa fantasia resulta na dor e infelicidade.

A Magia européia, por outro lado, deve suas doutrinas fundamentais à Qabalah. Embora tenha muito em comum com os contornos gerais do Budismo, a metafísica da Qabalah é essencialmente egocêntrica de maneira tipicamente européia. Contudo, os termos de sua filosofia são tão genéricos que podem ser interpretados livremente por uma variedade de ângulos. Embora condenando os males e limitações que acompanham o falso sentimento de ego, ela acentua não tanto a destruição do ego quanto, com um caráter prático verdadeiramente ocidental, sua purificação e integração. Ele é um instrumento muito útil, depois de aprendida a necessária lição de que não é idêntico ao eu, mas apenas um instrumento particular, uma pequena fase de atividade compreendida dentro da grande esfera do indivíduo total. Conseqüentemente, a teurgia prática que surge como superestrutura da Qabalah teórica básica deve também ser afetada por aquele ponto de vista. Em lugar de procurar remover o ego como tal, procura estender as fronteiras limitadas de seu horizonte, ampliar seu campo de atividade, melhorar sua visão e sua capacidade espiritual. Em suma, aumentar seu valor psicológico para que, tomando conhecimento do Eu Universal que impregna todas as coisas, possa ficar identificado com aquele Eu. Aqui há, portanto, uma distinção fundamental no ponto de vista adotado.

O Ritual do Não-Nascido

Assim como o *Chöd* tem suas raízes nos animismo *Bön* primitivo do Tibete budista, tendo sido muito claramente remodelado pelos Mahayanistas, o ritual ocidental que me proponho considerar aqui também tem origem muito tosca. Data possivelmente dos séculos imediatamente anteriores à nossa Era Cristã. O "Ritual do Não Nascido", nome pelo qual se tornou conhecido, pode ser encontrado em sua forma elementar em *Fragments of a Graeco-Egyptian Work upon Magic*, publicado em 1852 por Charles Wycliffe Goodwin, M.A., para a Sociedade Antiquária de Cambridge. O ritual passou desde então por considerável transformação. De simples oração primitiva para afastar o mal, nas mãos de teurgistas peritos e treinados na tradição Ocidental da Aurora Dourada, evoluiu para um trabalho altamente complexo, mas muito eficiente e inspirador. O ritual, como tal, consiste agora de um longo proêmio, cinco invocações elementares e uma eloquente peroração. Inserida entre eles há uma cerimônia Eucarística.

No prólogo, o operador identifica-se com Osíris por meio da adoção da forma visualizada da forma divina egípcia. Isto é, fórmula, à sua volta, a forma de Osíris. Sua imaginação precisa ser pictorialmente aguçada e suficientemente vívida para visualizar mesmo os menores detalhes de traje e ornamentação em cor e formas claras e brilhantes. Em resultado desse esforço, se o operador é bem sucedido, a cerimônia não é mais dirigida por um mero ser humano. Pelo contrário, as invocações e ordens partem da própria boca da divindade.

Osíris, em simbolismo mágico, é a própria consciência humana, depois de finalmente purificada, exaltada e integrada o ego humano como se acha em posição equilibrada entre céu e terra, reconciliando e unindo ambos. Em um ritual de iniciação da Aurora Dourada, um oficiante, ao mesmo tempo que assume a máscara astral do deus, define a natureza dele

afirmando: "Eu sou Osíris, a Alma de aspecto gêmeo, unida ao mais por purificação, aperfeiçoada por sofrimento, glorificada através de provação. Vim de onde estão os grandes Deuses, através do Poder do Poderoso Nome."

O lama quando executa o rito *Chöd*, imagina-se igualmente como uma das *Dakinis*, a Deusa da Sabedoria que Tudo Realiza. Esta, na interpretação da Madame David Neel, representa esotericamente e vontade superior do lama. Os conceitos de ambos rituais são efetivamente muito semelhantes.

Mas aí termina a semelhança, na realidade superficial. Isso porque no ritual *Chöd* o lama ou eremita, invocando as várias ordens de demônios e espíritos, identifica-os com seus próprios vícios e assim sacrifica-se. Vê seu ego composto de ódio e ira, lascívia, inveja e estupidez, e arremessa essas qualidades aos espíritos e demônios invasores para consumação. Visualiza seu corpo como um cadáver sendo desmembrado pela colérica deusa e seus órgãos também sendo devorados por uma legião de entidades malignas. Em poucas palavras, é intencionalmente produzida uma espécie de dissociação.

No sistema ocidental, as várias ordens de elementos são também invocadas de suas esferas durante esse Ritual do Não-Nascido, mas recebem ordem para fluir através do Mago, visando não atacá-lo e assim destruí-lo, mas purificá-lo. A intenção é totalmente diferente. Em cada estação ou ponto cardinal, a divindade tutelar apropriada é invocada por meio da formulação da forma astral e das figuras lineares adequadas. No Oriente, em resultado da vibração dos nomes bárbaros de invocação apropriados, que "têm um poder inefável nos ritos sagrados", e pela enunciação das Palavras de Poder, as Sílfides correm através de sua esfera de sensação como um delicado zéfito, soprando à sua frente a imunda poeira do orgulho. As Salamandras, vindas do Sul, consomem com um fogo ardente a inveja e o ódio existentes dentro dele. Lascívia e paixão são purificadas pelas Undinas, invocadas do Oeste, como se o mago fosse mergulhado na água mais pura da qual sai imaculado e consagrado. Enquanto os Gnomos, vindos do Norte, limpam-no de preguiça e estupidez, exatamente como a água enlameada e impura é limpada ao ser filtrada através da areia. O operador está, o tempo todo, consciente da injunção a propósito dos elementos dados em uma de suas iniciações. Ou melhor, a injunção torna-se parte de sua perspectiva inconsciente da vida. "Sê tu, portanto, pronto e ativo como as Sílfides, mas evita a frivolidade e o capricho. Sê enérgico e forte como as Salamandras, mas evita a irritabilidade e ferocidade. Sê flexível e atento as imagens como as Ondinas, mas evita a ociosidade e mutabilidade. Sê laborioso e paciente, como os Gnomos, mas evita a grosseria e avareza. Assim desenvolverás gradualmente os poderes de tua alma e te ajustarás à ordem dos espíritos dos elementos."

Terminadas as invocações elementais trabalho muito difícil, cuja a execução exige pelo menos setenta ou oitenta minutos de intensa concentração mágica o operador, estando convencido da presença da força invocada e do efeito salutar de suas respectivas purificações sobre ele, inicia o segundo estágio de seu trabalho invocando o quinto elemento, a quintessência alquímica, *Akasha* ou Éter, em seus aspectos tanto positivo quanto negativo. O efeito dessas duas invocações é equilibrar os elementos já chamados à cena de operações. Tendem elas a

oferecerem um molde esotérico ou vácuo astral, ao qual as forças espirituais podem descer para estabelecer contato com a psique inconsciente do operador.

Nesta conjuntura, é costume celebrar o repasto místico que também parece ter intenção inversa à do banquete *Chöd*. Pelo menos a inversão é apenas aparente. O mago celebra a Eucaristia dos quatro elementos, depois de recitar fortemente a invocação enoquiana da tábua mística de União, começando com *Ol Sonuf vaorsagi goho Iada balta* "Eu reino sobre vós, disse o Deus da Justiça..." O perfume da rosa sobre o altar, o fogo baixo na lamparina acesa, o pão e o sal, e o vinho são assim poderosamente carregados com a força divina. De tal modo que, quando ele participa dos elementos, o influxo do espírito eleva não apenas seu próprio ego, mas também todas as inúmeráveis células que compõe seu veículo inferior de manifestação. E ainda mais, pois afeta todos os seres espirituais, anjos, elementos e espíritos que, em resposta à invocação, agora impregnam a esfera astral. Assim, ele executa aquilo que os princípios de todas as religiões místicas ordenam, a elevação de todas as vidas inferiores, enquanto o homem evolui. Isto ele faz, neste caso, pela ação das invocações mágicas e da Eucaristia, de modo que não somente ele é abençoado pelo impacto do espírito divino, mas todos os outros seres presentes participam da glória com ele. Não há retenção de benção, pois aqui, como no rito *Chöd*, não há retenção de poder em relação a qualquer ser.

No início da cerimônia, todas as forças e todos os seres são cuidadosamente banidos pelos rituais de banimento apropriados, a fim de deixar um espaço limpo e sagrado para a celebração da cerimônia. Mas para esta esfera consagrada são chamadas todas as ordens de elementos, compreendidas na divisão quintúpla das coisas. E é esta poderosa legião, purificando a esfera do mago por consumir os elementos indesejáveis dentro dele, que é consagrada e abençoada pela Eucaristia e pela descida da Luz refulgente. Toda a operação é selada pela peroração:

"- Eu sou Ele! O Espírito Não Nascido, que tem vista nos pés! Forte e Fogo Imortal! Eu sou Ele, a Verdade! Eu sou aquele que odeia que o mal seja praticando no mundo! Eu sou Aquele que relampeja e troveja! Eu sou Aquele que cuja a boca flameja sempre! Eu sou Ele!, o gerador e Manifestador da Luz! Eu sou Ele, a Graça do Mundo! O Coração enlaçado pela Serpente é meu nome."

Isto coincide com a reformulação da forma divina de Osíris. E, com cada cláusula do hino final, o mago faz em imaginação o esforço para perceber que elas respondem às qualidades e características divinas do deus, cuja luz está naquele momento descendo sobre ele. O resultado final é iluminação e êxtase, transporte de consciência do mago para uma identidade com a consciência de tudo que vive, infável união com a Luz, a Vida única que empregna todo espaço e tempo.

Admitir-se não, espero eu, que as concepções ocidentais de Magia não são inferiores de maneira alguma, como muitos chegaram a acreditar no passado, àquelas prevaescentes no Tibete e no Oriente. Só que as formas filosóficas são um tanto diferentes. E essa diferença

tem suas raízes em necessidades psicológicas variadas que em tempo nenhum são irreconciliáveis.

Teurgia e Desenvolvimento Espiritual

Devo aqui, portanto, contentar-me com essas comparações entre vários pontos de interesse comum tanto para o Oriente quanto para o Ocidente. Meu desejo de compará-los resulta originariamente da leitura do livro verdadeiramente erudito de Major Waddel - onde o leitor pode encontrar itens de grande e absorvente interesse. Mas acho que, a menos que tenham a chave mágica destas práticas e de várias cerimônias que os lamas praticam, o leitor tende a aborrecer-se e desistir sem adequada compreensão delas. Com todo o devido respeito pela sabedoria oriental, pela qual certamente tenho grande e profunda reverência, é minha crença que neste caso um estudo da Teurgia, como foi desenvolvida pelo gênio ocidental, é mais capaz do que qualquer outra coisa de lançar um raio iluminador sobre a verdadeira natureza do desenvolvimento espiritual pelo caminho da Magia. São muitos os caminhos que levam ao objetivo único da Visão Beatífica. Desses um é a meditação. Provavelmente, no desenvolvimento da meditação e nos processos puramente introspectivos de Ioga, o Oriente está muito à frente do Ocidente. Certamente não existe melhor compêndio sobre este assunto do que os aforismas de Ioga Patanjali. E eu reconheço que Blavastky trouxe a Teosofia do Oriente. Mas a Teurgia elevouse as alturas iluminadas pelo Sol nas escolas ocidentais. Nossos Santuários Ocultos de Iniciação, onde a Magia vem sendo há muito tempo empregada

com sucesso, mas negada com excessivo rigor ao conhecimento do mundo exterior, tem uma interpretação mais bela, mais nobre e mais espiritual do que qualquer outra que possa ser encontrada nos sistemas orientais.

Quanto a mim, só posso dizer que a experiência demonstra que Teurgia não faz confusão em declaração de ideais. Não introduz caos supersticioso a respeito do temor dos demônios, etc, que é muito aparente no esquema tibetano, a julgarse pelo livro de Waddel. Todo esforço mágico dos lamas é descrito como sendo devido a medo ou ódio de maus espíritos, embora eu não duvide de que muito lamas têm uma compreensão de sistema melhor do que essa. A Teurgia alimenta o ideal de que sua técnica seja um meio de promoção do desenvolvimento espiritual da pessoa, para que assim ela possa consumir o verdadeiro objetivo da encarnação. Não egoisticamente, mas para que possa daqui para diante ser mais capaz de ajudar e participar do progresso ordeiro da humanidade em direção àquele dia perfeito em que a glória deste mundo passará e o Sol da Sabedoria se erguerá para brilhar sobre o esplêndido mar.

2. A Arte da Magia

De todos os assuntos que constituem o que hoje é chamado de ocultismo, o pior interpretado é a Magia. Até mesmo a Alquimia, que para alguns é incomodamente negra e obscura, desperta em geral muito mais simpatia e compreensão do que a Magia. Por exemplo, o psicólogo Jung observou a respeito da Alquimia, em seu ensaio *O Ego e o*

Inconsciente, que seria "imperdoável depreciação de valor se aceitássemos a opinião corrente e reduzíssemos o esforço espiritual do alquimista ao nível de retorte e do forno de fundição. Certamente que este aspecto pertence à alquimia; representou início tentativo da química exata. Mas ela também tem um lado espiritual ao qual ainda nunca foi dado valor verdadeiro e que do ponto de vista psicológico não deve ser subestimado."

Contudo a Magia, é estranho dizer, não recebeu avaliação igual exceto até onde se alia o termo Magia com ao inconsciente e se diz que ela representa uma tentativa primitiva de conhecer o inconsciente. Consequentemente, não existe mais do que uma tentativa mínima de chegar à compreensão de seus processos. No momento, eu não desejo analisar as possíveis razões deste espantoso fenômeno. O que interessa mais, porém, é promover uma abordagem do assunto mais ou menos inteligível, para que, dado o vislumbre inicial da luz brilhante que enche o mundo da Magia, mais pessoas possam sentir-se dispostas a dedicar um pouco de suas energias e de seu tempo ao seu estudo. As vantagens e benefícios são tais que tornam esse esforço extremamente proveitoso.

Os Objetivos da Magia

De maneira simples e breve, permitam-me dizer de início que a Magia se interessa principalmente pelo mundo da psicologia moderna. Vale dizer que ela trata daquela esfera da psique de que normalmente não somos conscientes, mas que exerce enorme influência sobre nossas vidas. A magia é uma série de técnicas psicológicas planejadas para permitir que sondemos mais profundamente nós mesmos. Para que fim? Primeiro, para compreendermos a nós próprios mais completamente. Além do fato do auto-conhecimento ser por si só desejável, uma compreensão da natureza interior livra-nos de compulsões e motivações inconscientes e confere o domínio sobre a vida. Segundo, para que possamos expressar mais plenamente aquele eu interior em atividades cotidianas. Só quando a humanidade em seu todo tiver atingido ou talvez quando os homens e mulheres mais avançados do mundo tiverem desenvolvido algum grau de realização interior é que poderemos ter esperança daquela condição utópica ideal das coisas - ampla tolerância, paz e fraternidade universal. A finalidade como essa é que a Magia deve sua razão de ser.

Religião e Magia

Abordando a matéria de outro ponto de vista, pode-se dizer a Magia trata dos mesmos problemas da religião. Não desperdiça seu ou nosso valioso tempo com especulações fúteis a respeito da existência ou natureza de Deus. Afirma dogmaticamente que existe um princípio vital onipresente e eterno e assim, de maneira verdadeiramente científica, estabelece uma legião de métodos para prová-lo por si próprio. Como podemos conhecer Deus? Aqui, como antes, há uma técnica bem definida e elaborada para lidar com a consciência humana como tal e elevá-la a uma experiência imediata do espírito universal que impregna e sustenta todas as coisas. Isso porque o sistema tem aversão pela atitude daqueles pensadores complacentes, mas confusos, que, recusando aceitar limitações

humanas como são hoje, miram muito alto sem lidar com os múltiplos problemas no caminho.

Suponhamos que aquele edifício tem 10 andares. Como podemos chegar ao telhado? Certamente não ignorando o fato muito óbvio de que pelo menos duzentos pés interpõem-se entre nós e o telhado! No entanto, é essa precisamente a atitude do chamado culto da simplicidade em religião mística. Deus, afirma eles, é um elevado estado de consciência infinita ao qual a mente microcósmica deve ser unida. Até aí tudo bem e nisso a Magia está de acordo com a opinião deles. Todavia, essas pessoas propõem-se a chegar ao cume da realização ignorando os degraus existentes entre o homem como o encontramos agora e o fim supremo Deus. É como se desejássemos saltar do chão ao telhado do mencionado edifício.

A Magia adota uma atitude ligeiramente diferente. É, porém, uma atitude marcadamente semelhante à atitude do senso comum do homem mítico da rua. Para chegar ao alto do edifício precisamos subir os vários lanços de escada que levam até lá ou então tomar o elevador. Em qualquer dos casos, é um processo gradual - uma evolução se quiserem.

O homem, sustenta a teoria mágica, é uma criatura mais ou menos complicada, cujas várias faculdades de sentimento, sensação e pensamento desenvolveram-se lentamente no curso de séculos de evolução. É fatal ignorar essas faculdades, pois evidentemente elas evoluíram para algum propósito útil em resposta a alguma necessidade interior. Assim, ao aspirar à união divina, certamente um objetivo louvável, devemos estar seguros de que nosso método, seja qual for, leva em consideração aquelas faculdades e desenvolve-as até o estágio em que possam participar da experiência. Se evolução é considerada um processo adequado, então o homem inteiro deve evoluir, e não apenas pequenos pedaços ou aspectos dele, enquanto outras partes de sua natureza são deixadas sem desenvolvimento em um nível de ser primitivo ou infantil. Ademais, essas faculdades precisam ser treinadas para que sejam capazes de "suportar" as enormes tensões a que certamente serão submetidas por uma realização tão exaltada, mas ainda sim tão poderosa. Cada faculdade precisa ser deliberadamente treinada e levada de estágio a estágio através dos vários níveis de consciência humana e cósmica, para que se acostume gradualmente ao alto potencial de energia, ideação e inspiração que deve inevitavelmente acompanhar a iluminação e uma extensão de consciência. O fato de não considerar esse ponto de vista em termos de sua dinâmica deve sem dúvida ser responsável pelas catástrofes tão frequentemente encontradas em círculos místicos e ocultos.

A fim de apresentar uma visão geral de todo o campo da Magia, permitam-me declarar sumariamente que, por motivo de conviniência, o assunto pode ser dividido em pelo menos três seções principais: 1. Adivinhação; 2. Evocação e Visão; 3. Invocação. Definirei cada uma delas separadamente e com alguns pormenores.

Adivinhação

No que se refere à primeira divisão, a hipótese mágica é perfeitamente definida. Sustenta ela que a adivinhação não se interessa em última análise por mera leitura da sorte nem mesmo pela adivinhação das causas espirituais por trás dos acontecimentos materiais, embora esta última não seja de pouca importância. Pelo contrário, a prática da adivinhação, quando conduzida de maneira certa, tem por objetivo o desenvolvimento da faculdade psíquica interior de intuição. É um enorme bem espiritual ter desenvolvido alta sensibilidade ao sutil mundo interior da psique. Quando mantida por período de tempo suficientemente longo, a prática constrói vagarosamente, mas eficientemente, uma espécie de ponte entre a consciência do homem e aquela parte oculta mais profunda da sua psique, da qual geralmente ele não tem conhecimento o inconsciente ou eu superior. Nesses aspectos espirituais mais profundos de sua natureza estão as raízes divinas de discriminação, discernimento espiritual e elevada sabedoria.

O objeto da adivinhação é muito simplesmente, portanto, a construção de um mecanismo psíquico pela qual essa fonte de inspiração e vida possa ser tornada acessível à consciência comum, ao ego. O fato desse mecanismo interessarse de início em fornecer respostas para perguntas aparentemente triviais não é por si só objeção a técnica propriamente dita. As abordagens preliminares de qualquer estudo podem ser indignas daquele estudo ou incompatíveis com ele. E a adivinhação não é exceção à regra geral. Nem é objeção válida o fato de a técnica estar aberta a frequentes abusos de charlatões inescrupulosos. Mas quando praticada com sinceridade, inteligência e assiduidade pelo verdadeiro estudante, a consciência gradualmente se abre a um nível mais profundo de percepção. "O cérebro torna-se poroso para as lembranças e ditames da alma"(para usar uma expressão teosófica corrente) é uma verdadeira declaração dos efetivos resultados do treinamento. Como o objeto da psicologia analítica é a assimilação do conteúdo reprimido do inconsciente na consciência comum desperta, por esses outros meios mágicos a mente humana torna-se consciente de si própria como infinitamente mais vasta, mais profunda e mais sábia do que jamais percebera antes. Uma noção do aspecto espiritual das coisas desperta na mente - uma noção da própria alta sabedoria inata e um reconhecimento da divindade trabalhando através do homem e do universo. Certamente, esse ponto de vista eleva a adivinhação acima do nível de mera arte oculta e até uma parte intrínseca do esforço místico.

Geomancia, Tarô e Astrologia

Estas são técnicas fundamentais do sistema divinatório. Geomancia é a adivinhação por meio de terra. Em certa época, seus praticantes usavam realmente areia ou terra preta, na qual traçavam seus desenhos e símbolos, método tipicamente primitivo ou medieval. Hoje os adivinhadores geomânticos usam lápis e papel, contando com o grafite de seu lápis para formular teoricamente um elo mágico entre eles próprios e as chamadas inteligências ou elementos adivinhadores de terra. É, pelo que mostra minha experiência, uma técnica altamente eficiente, em favor da qual se pode alegar um grau de pelo menos 80 por cento de precisão no decorrer de vários anos.

Tarô é o nome de um maço de cartas, em número de setenta e oito, que foi introduzido na Europa no século XIV ou XV. Ninguém sabe de onde ele veio. Sua origem é um mistério

completo. Em um período não havia na Europa essas cartas, até onde podemos ver. Em outra época, as cartas estavam circulando livremente.

Pouca menção precisa ser feita à astrologia, pois é há muito tempo um dos métodos mais populares com os quais o público se familiarizou. Quem praticar esses métodos tendo em mente tal objetivo certamente perceberá os resultados que descrevi. E, embora seja verdade que seus consulentes de adivinhação podem receber respostas perfeitamente boas para as suas perguntas, afastando-se de seu limiar com o espírito de gratidão e admiração, o desenvolvimento intuitivo que a pessoa adquire constitui o lado mais importante daquela operação.

Evocação

É quando deixamos o reino relativamente simples da adivinhação para abordar o obscuro aspecto da evocação, que entramos em águas profundas. Aqui é que surge a maior dificuldade. E é em relação a esta fase da magia que se desenvolveram a maior incompreensão e medo.

A fim de elucidar a matéria, permitam-me usar a terminologia da psicologia moderna. O termo "complexo" adquiriu uma notoriedade no último quarto de século, a partir da divulgação das teorias de Freud e Jung. Significa um agregado ou grupo de idéias na mente, com forte carga emocional, capaz de influenciar pensamento e comportamento conscientes. Se meu interesse é a Magia, então naturalmente cada item de informação adquirido, seja qual for a sua natureza, provavelmente será construído por associação naquela constelação de idéias que se agrupa em torno de meu interesse - tornando-se no curso de anos, um perfeito complexo. A Sra. Jones, dona da leiteria onde eu compro, devido a suas predileções profissionais, terá seu complexo centralizado em leites, vacas, manteigas e no preço dos ovos.

Acima dessa definição, porém, está uma outra mais sutil: um grupo de idéias ou sentimentos congregando-se em torno de um tema psíquico significativo ou dominante, como sexo ou a necessidade de vencer sentimentos de inferioridade, ou algum trauma de infância, que prende ou fecha energia nervosa. Assim, em resultado de repressão, podemos encontrar um complexo do qual o portador é totalmente inconsciente complexo que se expressa em sentimentos de insegurança, obsessão por temores mórbidos irracionais e persistente ansiedade. Ademais, pode existir uma constelação de sentimentos, disposições de ânimo e reações emocionais, que se torna muito poderosa, mas ainda sim tão desagradável à razão a ponto de ficar completamente afastada da corrente principal da personalidade. O que a psicologia moderna chama complexo, nesse sentido, a antiga psicologia da Magia, que tinha seu próprio sistema de classificação e nomenclatura, chamava Espírito. O sistema de classificação era os Sephiroth Cabalísticos ou as dez categorias fundamentais de pensamento.

Assim, se tentássemos a tradução dos termos, ao sentimento de inferioridade poderíamos denominar o Espírito de *Tiphareth*, cujo nome consta ser *Soras*, visto que o Sol, uma das

atribuições ou associações, é considerado o símbolo planetário da individualidade. Consequentemente, uma aflição da personalidade, o que pode ser considerado uma definição geral ou toca do sentimento de inferioridade, poderia ser atribuída a *Soras* - pois o Espírito no caso de cada Sefirah é considerado mau. O complexo que se expressa em insegurança é o espírito de *Yesod* e a lua, cujo nome é *Chasmodai*. Esta esfera de *Yesod* representa o plano ou fundamento astral que dá estabilidade e permanência a formas físicas; em uma palavra, é um símbolo de segurança e força. Se nos deparamos com um caso em que as emoções estão separadas da consciência, esta é a influência do Espírito de *Hod* e Mercúrio, *Taphthartharath*. Quem está mergulhado em caos emocional, tendo recusado desenvolver igualmente a consciência e as faculdades racionais, está sujeito ao Espírito de *Netzach* e Vênus, *Haniel*. Uma neurose puramente destrutiva ou suicida, que leva a pessoa a exibir tendência sintomática de quebrar coisas deliberadamente ou de usá-las para atacar a si próprio, é de qualidade marcial, pertencente a *Geburah* e Marte, o Espírito *Samuel*.

Este é, naturalmente, o ponto de vista subjetivo. Não nego que existe uma teoria hierárquica puramente objetiva, mas esta não pode ser tratada aqui.

Como lidamos hoje com psiconeuroses na tentativa de curá-las de eliminá-las da esfera de Pensamento e sentimento do paciente? Principalmente pelo método analítico Encorajamos o paciente a narrar livremente a história de sua vida, e delinear pormenorizadamente suas primeiras experiências com seu pai e sua mãe, suas reações a irmãos e irmãs, à escola e aos colegas, e a todo o ambiente. Pedimos-lhe que trate particularmente de suas reações emocionais a essas primeiras experiências, que as reviva em sua imaginação, que relate e analise seus sentimentos em relação a elas. Além disso, seus sonhos no período de análise são sujeitos a cuidadoso exame. Isto é necessário por ser o sonho uma atividade psíquica espontânea, em que não interfere a consciência desperta. Tal atividade revela as reações inconscientes atuais aos estímulos de vida reações que modificam e até mesmo formam sua perspectiva consciente. Desta maneira, é permitido ao paciente perceber *objetivamente* a natureza daquele complexo. O paciente deve desprender-se dele durante um curto espaço de tempo. E este exame objetivo crítico do complexo, esta compreensão de sua natureza e dos meios pelos quais ele nasceu, permite ao paciente, não imediatamente e de uma vez, mas gradualmente e com a passagem do tempo, expulsá-lo de seu modo de pensar.

A Magia, porém, procedia em certa época de acordo com uma técnica ligeiramente diferente. Percebia também como são devastadores esses perversos modos de pensamento e como são mutiladores os efeitos por eles exercidos sobre a personalidade. Indecisão, vacilação, incapacitação de memória, anestesia de sentimento e sensação, compulsões e fobias, além de uma legião de males físicos e morais, são as resultantes desses complexos ou Espíritos dominantes. O paciente permanece tão completamente à mercê de disposições obsessivas, a ponto de ficar quase fora de si, sugerindo assim a vívida imaginação dos antigos uma obsessão real por alguma entidade espiritual estranha. Assim, para desenvolver ao homem sua eficiência anterior ou o padrão de normalidade, essas aflições precisam ser eliminadas da consciência.

Personalização de Complexos

Como primeiro passo, a Magia passava a personalizá-los, a investí-los com figura e forma, e a dar-lhes nome e qualidades definidos. É da natureza da psique dar espontaneamente características e nomeclaturas humanas ao conteúdo de sua própria mente. Ao fazê-lo, o sistema mágico recebe benção oficial, se assim posso dizer, nada menos que de uma autoridade psicológica moderna como o Dr. C. G. Jung. Em seu comentário em *O Segredo da Flor Dourada*, Jung dá a esses complexos a denominação de "sistemas parciais autônomos". Referindo-se a esses sistemas parciais, afirma: "Sendo também constituintes da personalidade psíquica, eles têm necessariamente o caráter de pessoas. Esses sistemas parciais aparecem em doenças mentais nas quais não há divisão psicogênica de personalidade (dupla personalidade) e também comumente, em fenômenos mediúnicos." É, como já disse, tendência natural da mente humana personalizar esses complexos ou agrupá-los em idéias especiais. Como outra prova, podemos citar o fenômeno dos sonhos, nos quais muito frequentemente é dada às dificuldades ou complexos do paciente alguma forma humana ou animal.

Avançando mais um passo, a antiga ciência da Magia postula que para eliminar esse complexo é necessário torná-lo objetivo para a consciência do próprio paciente ou estudante, a fim de que este possa adquirir algum reconhecimento de sua presença. Enquanto esses nós de ou espíritos astrais são desconhecidos e descontrolados, o paciente é incapaz de controlá-los para maior vantagem, de para examiná-los completamente, de aceitar um ou rejeitar outro. Antes de tudo, essa era a hipótese, é preciso que eles adquiram forma tangível e objetiva para poderem ser controlados. Enquanto permanecerem intangíveis e amorfos, e não percebidos pelo ego, não poderão ser adequadamente tratados. Com um programa de evocação formal, porém, os espíritos do escuro submundo ou os complexos de idéias que habitam as camadas mais profundas do inconsciente podem ser evocados da escuridão para aparência visível no triângulo mágico de manifestações. Evocados dessa maneira técnica, eles podem ser controlados por meio de símbolos transcendentais e processos formais da Magia, sendo trazidos para dentro do domínio da vontade e consciência estimuladas do teurgista. Em outras palavras, eles são mais uma vez assimilados na consciência. Não são mais espíritos independentes vagueando pelo mundo astral ou sistemas parciais morando no inconsciente, perturbando a vida consciente do indivíduo. São trazidos mais uma vez de volta para a personalidade, onde se tornam cidadãos úteis, por assim dizer, partes integrantes da psique, ao invés de párias e gangsters, inimigos cruéis e perigosos ameaçando a unidade e integridade psíquicas.

O Processo de Evocação

Como são eles evocados? Qual é o processo técnico para tornar objetivos esses sistemas parciais autônomos? Aqui a Magia separa-se da psicologia ortodoxa. Muitos meses de tediosa análise, por enorme custo financeiro, são exigidos pelo método psicológico atual para lidar com esses problemas e poucos são suficientemente fortes ou pacientes para

persistir. A teoria mágica prefere uma forma mais drástica de excitação emocional e mental por meio da técnica cerimonial. Durante a cerimônia de evocação, nomes divinos e de espíritos são continuamente vibrados como parte de uma demorada conjuração. Caminhadas em círculo são feitas a partir de posições simbólicas no templo representando diferentes camadas do inconsciente, diferentes regiões do mundo psíquico. Ar é inalado para os pulmões e, mais ou menos como na técnica pranayama dos yogues hindus, manipulado pela imaginação de maneiras especiais. Por meio desses exercícios, a consciência é estimulada am tal grau que se abre, contra sua vontade, à elevação forçada do conteúdo do inconsciente. A elevação não é casual, mas decididamente controlada e regulada, pois os cabalistas estão perfeitamente familiarizados com as idéias de sugestão e associação, arranjando suas conjurações de modo que, por meio de associação de idéias, seja sugerida à psique a sucessão de idéias necessárias e só aquela sucessão.

O sistema parcial determinado é então expulso da esfera de sensação e projetado para fora. Incorpora-se à chamada substância astral ou esotérica que normalmente compõe o corpo interior e que serve como alicerce ou plano da forma física, atuando como ponto de entre o corpo e a mente, da qual é o veículo. A forma astral, refletindo agora o sistema parcial projetado do inconsciente, atrai para si partículas do pesado incenso, queimando copiosamente durante a cerimônia. Gradualmente, no curso cerimonial, cria-se uma materialização que tem forma e caráter de um ser autônomo. Podese falar com ele e ele pode falar. Igualmente pode ser dirigido e controlado pelo operador da cerimônia. Na conclusão da operação, ele é absorvido deliberada e conscientemente pelo operador, mediante a fórmula habitual: "E agora eu te digo, parte daqui com a bênção de (o nome divino apropriado que governa aquele tipo determinado de complexo) sobre ti. E que haja paz entre mim e ti. E que estejas tu pronto a vir e obedecer à minha vontade, seja por uma cerimônia, seja por apenas um mero gesto."

Assim, o defeito causada a consciência pelo espírito-obsessão é remediado e, devido à entrada na consciência do tremendo poder e sentimentos envolvidos em tal repressão, a psique do operador é estimulada de maneira especial, de acordo com a natureza do espírito.

Recapitulando, o propósito da evocação é fazer com que uma porção da psique humana, que se tornou deficiente em uma qualidade mais ou menos importante, seja levada intencionalmente a ressaltar-se, por assim dizer. Tendo o corpo e o nome pelo poder da vontade e da imaginação estimuladas e da substância astral exsudada, ela é, para continuar usando a metáfora, especialmente nutrida pelo calor e pelo sustendo do sol, e provida de água e alimento para que possa crescer e florescer.

Naturalmente, é necessário familiaridade antes que este tipo de Magia possa ser tentado. Ele exige estudo e longo treinamento. Trabalho persistente e árduo precisa ser realizado com as fórmulas apropriadas, antes que a pessoa se atreva a dedicar-se a um aspecto tão formidável e talvez perigoso da rotina mágica. Mas tem esta vantagem sobre o processo analítico. É infinitamente mais rápido, quando a técnica foi dominada e os caminhos de associação especial foram conhecidos, e consideravelmente mais completo e eficaz como agente

catártico. Espero ver um dia uma modificação dele usada comumente por nossos psicólogos.

Visão

Existe uma importante variação deste técnica. À primeira vista, talvez pareça ter pouca relação com o método de evocaçã. Mas tem também como objetivo a necessária assimilação do conteúdo inconsciente da psique na consciência normal. Seu objetivo é, também, o alargamento do horizonte da mente pelo alargamento das concepções intelectuais do estudante sobre a natureza di universo

Os processos técnicos elementares deste método exigem o desenho ou a pintura de símbolos coloridos dos elementos terra, ar, água, fogo e éter. Cada um deles tem um símbolo e cor tradicionais diferentes. À terra é atribuído um quadrado amarelo. O ar é um círculo azul. Água é um crescente prateado, Fogo é um triângulo vermelho e éter é o ovo preto. Depois de fixar intensamente o símbolo de determinado elemento durante vários segundos e em seguida voltar os olhos para uma superfície branca ou neutra, é vista contra ela uma imagem reflexa na cor complementar. Trata-se de uma ilusão de óptica normal, sem qualquer significação especial em si própria. Obtido o reflexo óptico, o estudante é aconselhado a fechar os olhos, imaginando que diante dele está a forma simbólica na cor complementar do elemento usado. A forma é então ampliada até parecer suficientemente alta para que ele se visualize caminhando através dela. Depois ele deve permitir à faculdade de fantasia de sua mente ação plena e desimpedida. Particularmente importante é que nesse estágio ele deve vibrar certos nomes divinos e arcangélicos que a tradição atribui àquele símbolo determinado. Esses nomes podem ser encontrados no primeiro volume de meu trabalho *The Golden Dawn*.

Dessa maneira, ele entra, imaginativa e clarividemente, por meio de sua visão, no reino elemental correspondente à natureza do símbolo que escolheu. Empregando elemento após elemento, ele estabelece contato simpático com o entendimento dos vários planos hierárquicos existentes dentro da Natureza e assim alarga tremendamente a esfera de sua consciência.

Do ponto de vista psicológico, podemos entender que a teoria mágica sugere que o inconsciente (que foi comparado aos nove décimos de um iceberg ocultos sob a água e não visíveis) pode ser classificado em cinco principais camadas ou subdivisões. Esses cinco níveis correspondem aos cinco elementos, sendo terra o mais superficial e éter ou espírito o mais profundo. Seguindo essa técnica de visão ou fantasia, permite-se à consciência comum do candidato atravessar a barreira, sem isso impenetrável, que subsiste entre ela e o inconsciente. É formado um elo entre os dois aspectos da mente, é construída uma ponte, através da qual a psique pode passar a qualquer momento. Entrar nesses vários níveis psíquicos por meio de projeção imaginativa é análogo a formar caminhos de associação por meio da qual a idéia, inspiração e vitalidade são tornadas acessíveis à consciência.

A visão assim obtida corresponde geralmente a uma espécie de sonho, experimentado, porém, em pleno estado consciente um sonho do qual nenhuma das faculdades da consciência, como vontade, crítica e viva percepção, está de maneira alguma em inatividade. A meta do analista, do ponto de vista sintético e construtivo, é atingida prontamente por esses meios. Ampla variedade de conhecimento e sentimento é assim aberta e assimilada sem esforço ou dificuldade, para vantagem e desenvolvimento espiritual do indivíduo.

Interpretação da visão é um fator importante. A falta de interpretação talvez seja responsável pela esterilidade intelectual e vazio espiritual tão frequentemente observados naqueles que empregam o métodos semelhantes. O conhecimento dos métodos de análise simbólica de sonhos e fantasias espontâneas, de Jung, pode ser extremamente útil aqui, fornecendo um valioso auxiliar à referência cabalística de símbolos às dez *Sephiroth* da Árvore da Vida. Antes de passar adiante, é interessante notar que Jung faz no final de seu livro *Dois Ensaios sobre Psicologia Analítica* um relato da fantasia espontânea de um paciente, curiosamente semelhante à técnica *tattwa* que acabo de descrever. Jung a chama de "visão" que por intensa concentração foi percebida no fundo da consciência, técnica que só é aperfeiçoada depois de longa prática. É tão interessante que sou forçado a citá-la aqui:

"Subi a montanha e cheguei a um lugar onde vi sete pedras vermelhas à minha frente, sete de cada lado e sete atrás de mim. Permaneci no meio desse quadrângulo. As pedras eram chatas como degraus. Tentei erguer as quatro pedras que estavam mais perto de mim. Ao fazê-lo, descobri que essas pedras eram os pedestais de quatro estátuas de deuses que estavam enterrados de cabeça para baixo. Desenterreias e arrumeias à minha volta de modo que eu ficasse no meio delas. De repente, elas se inclinaram umas para as outras, de modo que suas cabeças tocaram, formando uma espécie de tenda sobre mim. Eu caí ao chão e disse: "Caíam sobre mim, se for preciso, pois estou cansado." Então vi que além, circundando os quatro deuses, formara-se um anel de chamas. Depois de algum tempo, levantei-me do chão e derrubei as estátuas dos deuses. Quando caíram sobre a terra, quatro árvores começaram a crescer. E então do círculo de fogo saltaram chamas azuis que começaram a queimar a folhagem das árvores. Vendo tal coisa, eu disse: "Isto deve parar. Preciso entrar no fogo para que as folhas não sejam queimadas." Então entrei no fogo. As árvores desapareceram e o anel de fogo contraiu-se e tornou-se uma imensa chama azul, que me levou da terra para o alto."

O Supremo Sacramento

Adivinhação, evocação e visão são as técnicas preliminares da Magia. Observamos que há considerável justificação para seu emprego quando existe adequado conhecimento de sua significação e do processo técnico. Mas elas são apenas processos preliminares. Não são degraus que levam à consumação do supremo sacramento. O fim inevitável da magia é idêntico

àquele concebido no misticismo, a união com a divindade. A Magia concebe a divindade como Espírito, Luz e Amor. É uma força vital penetrante e onipresente, que impregna todas as coisas, sustentando toda a vida, desde de o mais minúsculo elétron até as maiores

nebulosas ed dimensões impressionantes. Esta vida é o substrato da inteireza de existência e é nessa consciência primeira que vivemos, nos movemos e temos nosso ser. No curso de manifestação, centros cósmicos desenvolvem-se dentro de sua infinidade, centros de elevada inteligência e poder, nos quais a alta tensão cósmica pode ser modificada e reduzida a grau mais baixo, de modo a produzir finalmente uma manifestação objetiva. Estes centros cósmicos são o que no momento podemos chamar de deuses (não espíritos) seres de enorme sabedoria, poder e espiritualidade, em uma escala hierárquica ascendente entre nós e o Deus desconhecido e inominado. A hierarquia determinada que eles formam recebe em magia uma classificação clara nos termos da Árvore da Vida Cabalística.

Em um parágrafo anterior, apresentei a metáfora de um homem tentando chegar ao alto do telhado de um edifício de vários andares. A Magia concebe um desenvolvimento espiritual de maneira análoga. Isto é, concebe uma evolução pessoal progressiva e ordenada. A Divindade é o objetivo que procuramos alcançar, o alto do telhado. Nós, aqueles de nós que alimentamos o ideal místico, estamos embaixo, no chão. Com um salto não podemos chegar ao topo. Uma distância intermediária precisa ser atravessada. Para chegar ao telhado precisamos usar a escada ou o elevador. Por meio da técnica mágica, empregamos a invocação dos deuses, que correspondem metaforicamente à escada ou elevador, e tentamos a união com suas consciência mais larga e mais vasta. Como eles representam os vários níveis cósmicos de energia e mente existentes entre nós e o supremo objetivo, na medida em que nos unimos em amor, reverência e rendição a eles, mais nos aproximamos da fonte última e raiz de todas as coisas.

Invocação

Usando o plano da Árvore da Vida como guia, o mago invoca os deuses menores ou arcanjos, como são chamados em outro sistema, desejos de misturar sua própria vida e entregar seu próprio ser à maior e mais extensa vida do deus. Assim, essa percepção espiritual tornase mais aguda e mais sensível, e a consciência do mago acostuma-se com a alta tensão da força divina que flui através dele. Prosseguindo sua evolução interior, ele invoca a *Sephirah* ou plano imediatamente acima. Seguindo o mesmo processo, tenta assimilar sua própria essência, sua própria consciência integrada àquela da divindade que invocou. E assim por diante até finalmente encontrarse sobre o alto pico Darien da realização espiritual, unido com a transcendental vida do infinito, sentindo o amor e compaixão universais, consciente de toda vida e toda coisa com suprema visão e poder. Como Jâmblico, o teurgista neoplatônico, expressou certa vez: "Se a essência e perfeição de todo o bem estão compreendidas nos deuses, se o primeiro e antigo poder deles está conosco, sacerdotes (isto é, teurgistas ou magos), e se, por aqueles que aderem igualmente a naturezas mais excelentes e obtêm genuinamente uma união com elas, o princípio e o fim de todo bem é seriamente perseguido: se assim é, aui são encontradas a contemplação da verdade e a posse da ciência intelectual. E um conhecimento dos Deuses é acompanhada pelo conhecimento de nós próprios."

Basta de teoria. Como se processa a arte da invocação? O mais importante de tudo é a faculdade imaginativa. Esta deve ser treinada para visualizar símbolos e imagens com a

máxima clareza, facilidade e precisão. A necessidade disto resulta no fato de que certas formas divinas precisam ser visualizadas. Na técnica mágica, as mais populares são as formas divinas egípcias. Parece haver certa qualidade de precisão específica em certas formas como Osíris, Ísis, Hórus e Nuit, por exemplo, que as torna peculiarmente eficazes para esta espécie de treinamento. Em outro sistema, no qual os arcanjos são sinônimos de deuses divinos, são visualizadas formas baseadas em uma análise das letras individuais que formam o nome de Deus. Vale dizer, se empregarmos o sistema cabalístico judaico, a cada letra hebraica é atribuída uma cor, um símbolo astrológico, uma significação divinatória em Tarô e Geomancia, e um elemento. Ao construir na imaginação a chamada imagem telemática do arcanjo, tomamos cada letra como representando uma parte ou membro determinado da forma e um formato, aspecto e cor determinados. Assim, a partir da letra de seu nome, é construída idealmente uma forma altamente significativa e eloquente.

Sentado ou deitado em estado físico perfeitamente relaxado, no qual nenhuma tensão muscular ou nervosa possa mandar uma mensagem perturbadora ao cérebro, o estudante esforça-se por imaginar que forma divina ou imagem telemática cerca-o ou coincide com sua figura física. Às vezes, apenas alguns minutos bastam para produzir uma percepção consciente da presença, embora na maioria das vezes pelo menos uma hora de trabalho seja necessário para obter resultados valiosos. À medida que a concentração e a reflexão se tornam mais intensas e profundas, o corpo é vitalizado por correntes de energia e poder dinâmicos. A mente também é invadida por luz, grande intensidade de sentimentos e inspiração.

O nome do deus ou do arcanjo é entrementes frequentemente vibrado. Esta vibração serve para dois fins. Primeiro, manter a mente bem concentrada na forma ideal por meio de repetição. Segundo, a vibração desperta no fundo a consciência microcósmica aquela faculdade mágica que é semelhante ou correspondente a seu poder macrocósmico. Respiração rítmica é igualmente realizada a fim de tranquilizar mente e corpo, e abrir as partes mais sutis da natureza interior da vida onipresente que impregna tudo. Além disso, são praticadas visualizações das letras do Nome. De acordo com as regras tradicionais, as letras são manipuladas pela mente como se movendo dentro de formas ou ocupando certas posições importantes sobre o plexo ou centros nervosos principais. A totalidade desses métodos conspira para exaltar a consciência do operador, para elevar sua mente por caminhos não tortuosos ou incertos, até um plano interior mais nobre, onde há uma percepção da significativa e transcendental natureza e ser do deus.

Iniciação

Além de todos esses métodos, ou mais precisamente, combinandose com essas técnicas, há uma fase final da Magia que só pretendo tocar brevemente a Iniciação. A necessidade e fundamento lógico deste processo dependem da capacidade postulada de um iniciado treinado para transmitir algo de sua própria iluminação e poder espiritual a um candidato, por meio de uma cerimônia. Esta transmissão magnética de poder destinase a despertar as faculdades interiores do candidato faculdades dormentes e obscurecidas por muitos tristes anos. Como Psellus, outro neoplatônico, observou certa vez a respeito da Magia: "Sua

função é iniciar ou aperfeiçoar a alma humana pelo poder de materiais aqui na terra, pois a suprema qualidade da alma não pode por sua própria orientação aspirar às instituições mais sublimes e à compreensão da Divindade."

Como os princípios divinos do homem estão obscurecidos e latentes dentro dele, a consciência, sozinha e por si só, é incapaz de subir às distantes elevações da intimidade espiritual com a vida universal. A Magia nas mãos de um mago treinado e experiente é o meio pelo qual pode ser vencido aquele eclipse da luz interior. Por meio de várias iniciações, as sementes ao despertar são lançadas dentro da alma. Mais tarde são avivadas e estimuladas até se tornarem uma chama viva ativa que clareia o cérebro, iluminando a alma e proporcionando a necessária orientação para a execução do propósito da encarnação.

O número de cerimônias e sua implicação detalhada devem variar, naturalmente, com os diferentes sistemas, embora, na significação geral, todos estejam de completo acordo. Em um sistema de iniciação, que tem especial significação para mim pessoalmente, as principais cerimônias são em número de sete. A primeira delas é uma cerimônia de preparação, consagração e purificação, que leva ao nublado olhar do neófito uma vaga sugestão da luz a que ele aspira e que parece perdida na escuridão distante. A semente de luz é lançada profundamente nele por meio de sugestões incorporadas em discursos rituais, de modo que, com o tempo e a devoção ao trabalho atuando como agentes incubadores, ela possa crescer e tornar-se a árvore plenamente desenvolvida de iluminação e união divina.

As cinco cerimônias seguintes interessam-se pelo desenvolvimento daquilo que é chamado bases elementares da alma. A consciência, colocada sob a guarda da luz, precisa ser reforçada em seus aspectos elementares. Isso para que, quando a luz finalmente morar na alma do homem, o eu elementar possa ser suficientemente forte e suficientemente puro para sustentar a alma a fim de que ela suporte seguramente o peso da glória divina. A princípio, isso talvez não pareça uma necessidade urgente. Mas, se nos lembrarmos das patologias do misticismo, das pessoas bem intencionadas, mas desmioladas e pouco práticas, que neste mundo estão totalmente desajustadas para a conquista da vida por uma branda espécie de experiência psico-espiritual, então a rotina mágica obtém certo grau de justificação. É em vão que se derrama o vinho dos deuses em velhos potes rachados. Precisamos assegurar que os vasos estejam intatos e fortes, capazes de reter e não deixar escorrer o vinho derramado de cima.

Executada as cinco cerimônias elementares e plantadas dentro da alma humana as sementes de terra, ar, água, fogo e éter divinos, o candidato está pronto para a iniciação final dessa série determinada. O ponto central dessa iniciação é a Invocação do que geralmente se chama eu superior ou Santo Anjo da Guarda. Este é o núcleo central da individualidade, a raiz do inconsciente. Antes que a união com o infinito possa ser considerada, é preciso que todo princípio da constituição humana seja unido, de modo que o homem se torne uma consciência unida e não uma série desconexa de consciências separadas e distintas. A inteligência das células físicas que formam o corpo, o princípio das emoções e sentimentos, a esfera da mente propriamente dita precisam estar unidos e ligados por uma percepção consciente da verdadeira natureza do eu que os emprega, o Gênio superior. Produzida

integridade pela ação dos ritos telésticos ou iniciatórios, todo o ser humano, o homem inteiro, pode partir por aquela longa, mas incomparavelmente brilhante, estrada que leva ao fim, e também ao começo, da vida. Então, e só então, é o homem capaz de perceber a significação da vida e o propósito das inúmeras encarnações na terra. Não é mais um vago misticismo promovido e idealizado como uma covarde fuga das dificuldades e turbilhões da vida. Estes últimos, ele é capaz de enfrentar e, além disso, de dominar completamente, de modo que não mais o escravizem. Por nenhum laço, seja de apego ou de aversão, ele está preso aos deveres desta terra laços que precisam de sua nova e continuada encarnação até tê-los cortados com sucesso.

Obtida liberdade através da aquisição de integridade em seu sentimento verdadeiro e divino,
é possível o passo mágico seguinte na evolução de reconhecimento e realização a volta consciente do homem à luz divina da qual proveio.

3. A Significação da Magia

Vivemos hoje em um mundo de grande progresso material e engenhosidade mecânica. Por toda a parte são proclamadas as vantagens sociais da comunicação mundial dada a nós por invenções modernas, como aviação, rádio e espaçonaves. O tempo parece desaparecer diante de tais coisas e o espaço reduz-se a quase nada. As pessoas na terra estão mais próximas umas das outras do que nunca antes da história registrada. Como um paradoxo, porém, simultaneamente com esse avanço sem paralelo científico, grande proporção da humanidade é supremamente miserável. Sofre os tormentos de tremenda fome porque os métodos científicos promoveram superprodução de alimentos e produtos manufaturados sem ter resolvido o problema de distribuição. No entanto, a ciência moderna foi investida com uma natureza que originariamente não era a sua. Apesar do caos dos negócios internacionais e do temor de outra guerra catastrófica, presente na mente da maioria das pessoas, ela foi revestida de uma grandeza poderosa, quase de divindade.

Talvez seja por causa deste sentimento de insegurança e medo que surgiu tal condição, pois a psique humana é no fundo uma coisa covarde. Não suportamos sermos honestos conosco mesmos, aceitando a idéia de que, enquanto formos humanos, estaremos condenados a sentir insegurança, ansiedade e inferioridade. Ao invés disso, projetamos tais temores para a vida e investimos a ciência de, ou qualquer corpo de conhecimento, com um vasto potencial de eficácia, a fim de animar nosso declinante fundo de coragem. Assim, a ciência tornou-se, graças a nossa projeção, uma autoridade que dificilmente alguém se atreve a conquistar. Não podemos suportar que ela seja contestada porque precisamos sentir que pelo menos neste assunto existe autoridade, conhecimento inabalável e a segurança que tanto desejamos. O fenômeno não é muito diferente daquele ocorrido há alguns séculos quando a religião, religião formal das igrejas, era o recipiente dessa obediência e respeito. Para muitas pessoas, a ciência é agora a tônica intelectual por cujos parâmetros - apesar de suas próprias neuroses e defeitos morais - todas as coisas são governadas, aceitas ou rejeitadas.

Ciência e Magia

Atividades, seja qual a for sua natureza, que temporariamente não gozam do favor popular, ainda que nelas exista a esperança de progresso espiritual do mundo, ou assuntos que não tem sanção daqueles que são os maiores luminares do mundo científico, tendem a encontrar desinteresse e grande incompreensão. Quando muita gente é introduzida na Magia, por exemplo, a primeira reação é de puro temor e horror ou então somos recebidos com um sorriso de superioridade. A isto segue-se a réplica, que se pretende devastadora, de que a Magia é sinônimo de superstição, que seus princípios foram destruídos há muito tempo e que, ademais, é anticientífica. Esta é, creio eu, a experiência da maioria das pessoas cujo principal interesse é Magia ou o que agora passa por ocultismo. Parece que, assim como suas esperanças de segurança e seu desejo de conhecimento inabalável são projetados sobre a ciência, seus temores interiores e seus terrores sem rosto são projetados sobre esse maltratado corpo de conhecimento tradicional, a Magia. Essa reação certamente pode ser desconcertante, a menos que se recorra imediatamente à crítica e à exigência de definição. Só por esses meios, nós, que defendemos a Magia, podemos ser ouvidos relutantemente.

Ciência é uma palavra que significa conhecimento. Consequentemente, qualquer corpo de conhecimento, seja qual for seu caráter seja antigo, medieval ou moderno é uma ciência. Tecnicamente, porém a palavra é reservada principalmente para indicar aquela espécie de conhecimento que foi reduzida a ordem sistemática. Esta ordem é estabelecida por meio de acurada observação experimentalmente realizada durante um período de tempo, classificação do comportamento só de fenômenos naturais e dedução de leis gerais para explicar e justificar o comportamento. Sendo assim, a Magia deve igualmente reivindicar sua inclusão no âmbito do mesmo termo. O conteúdo da Magia foi observado, registrado e descrito em termos exatos durante grande período de tempo. E, embora seus fenômenos não sejam físicos, sendo quase exclusivamente psicológicos em seu efeito, são evidentemente naturais. Leis gerais também foram desenvolvidas para justificar e explicar seus fenômenos.

Definição de Magia

Definição de Magia é algo mais difícil. Uma definição breve, que explique realmente sua natureza e descreva o campo de sua situação, parece praticamente impossível. Um dicionário define-a como "a arte de aplicar causas naturais para produzir efeitos surpreendentes". Havelock Ellis aventurou a sugestão de que ato mágico é um nome que pode ser usado para cobrir qualquer ato concebível em toda a extensão da vida.. Aleister Crowley sugere que "Magia é a ciência e arte de fazer com que ocorram mudanças de acordo com a vontade".

Dion Fortune modificou isso ligeiramente, acrescentando duas palavras: "mudanças na consciência". O autor medieval de *Goetia* ou *A Chave Menor de Salomão* escreveu um prólogo para aquele livro, no qual ocorre esta passagem: "Magia é o mais elevado, o mais absoluto e o mais divino conhecimento da filosofia da Natureza ... Sendo aplicados agentes verdadeiros a pacientes adequados, efeitos estranhos e admiráveis são produzidos. Donde magos são profundos e diligentes pesquisadores da Natureza".

Ensinaram-nos essas definições alguma coisa de natureza precisa sobre o assunto? Pessoalmente, duvido muito. Todas elas são genéricas demais em seu alcance para tender a edificação. Deixemos, portanto, de procurar definições e consideremos antes de tudo certos aspectos e princípios fundamentais do assunto. Em seguida, talvez possamos ter à nossa disposição material seguro e comprobatório suficiente para formular uma definição que possa transmitir a nossas mentes algo inteligível e preciso.

Na significação do termo "Magia" estão compreendidas várias técnicas completamente independentes. Talvez seja vantajoso examinar algumas dessas técnicas. Antes de fazê-lo, porém, talvez seja com considerar uma parte da teoria subjacente. Sei que muitos dirão, à guisa de crítica a esta discussão, que não se trata de outra coisa senão psicologia primitiva - e ainda somente psicologia de autosugestão. Haverá um risinho sarcástico, mal disfarçado.

Contudo, essa objeção de maneira alguma esgota completamente o assunto. Resta ainda muito mais coisa a dizer. Não que eu sustente que na Magia o processo de autosugestão está ausente. Certamente está presente. Mas o que devo acentuar aqui é que está presente em forma altamente desenvolvida e elaborada. Quase faz com que a abordagem técnica de alguns de nossos pesquisadores modernos pareça pueril e não desenvolvida. Não devemos supor sequer por um momento que os inovadores e desenvolvedores dos processos mágicos do passado eram ingênuos ou tolos, desconhecedores da psicologia humana e da estrutura da própria mente, nem que se abstiveram de enfrentar muito dos problemas psíquicos com os quais precisamos lidar hoje em dia. Muitos dos primeiros magos eram homens experientes e peritos, artistas e sábios, bem versados nos meios de influenciar e afetar as pessoas.

Sabemos que conheciam muita coisa sobre hipnotismo e sobre a indução de estados hipnóticos. É muito provável que tenham especulado, como fizeram inúmeros psicólogos modernos, sobre métodos técnicos para a produção de estados hipnóticos sem a ajuda de uma segunda pessoa. Mas logo tiveram noção de todos os obstáculos e barreiras que obstruíam seu caminho. E esses eram muitos. Creio que na Magia eles inventaram um processo técnico altamente eficaz para vencer tais obstáculos.

O Inconsciente

Quando Coué, alguns anos atrás, estourou em nosso espantado horizonte com a fórmula "dia a dia de todas as maneiras eu estou ficando cada vez melhor", muitos acreditaram que aqui finalmente lhes era oferecido o método ideal para descer aos fatos, para poder finalmente invadir a chamada mentemente inconsciente. Centenas de milhares de pessoas certamente foram para cama à noite decididas a provocar um relaxamento quase tão perfeito quanto podiam obter e tentar entrar na terra do sono, ao mesmo tempo que murmuravam sonolentemente as fórmulas mágicas vezes e vezes. Outros ouviam músicas em aposentos pouco iluminados, até experimentar algum sentimento de exaltação, e depois murmurar a frase curativa, até sentir que certamente deveria ocorrer um resultado favorável.

Não há dúvida que alguns felizardos obtiveram resultados. São, porém, poucos e muito distantes uns dos outros. Alguns deles venceram certas desvantagens de doenças, de nervosismo, dos chamados defeitos de fala e de outros maneirismos, sendo assim capazes de melhorar a si próprios e suas posições no mundo da realidade. Outros foram menos afortunados - e estes representam o maior número, a grande maioria.

Qual foi a dificuldade que impediu que essas pessoas, essa grande maioria, de aplicar a fórmula mágica até obter sucesso? Por que não foram capazes de penetrar aquele véu estendido entre os vários níveis de sua mente?

Antes de responder a essas perguntas - e eu creio que a Magia realmente responde elas - analisemos a situação um pouco mais de perto.

O inconsciente nesses sistemas de pretensa psicologia prática, metafísica e auto-sugestão é considerado um gigante adormecido. Esses sistemas sustentam que ele é um verdadeiro depósito de poder e energia. Controla toda função do corpo em todos os momentos de todos os dias e não dorme, nem se cansa. O coração bate setenta e duas vezes por minuto e a cada três ou quatro segundos inalam o oxigênio e exalam o gás carbônico e outros detritos. O complicado e complexo processo de digestão e assimilação de alimentos que é parte integrante de nosso próprio ser, a circulação de sangue, o crescimento, desenvolvimento e multiplicação de células, a resistência orgânica à infecção - todos esses processos são concebidos como estando imediatamente sob o controle daquela porção de nossa mente da qual normalmente não temos consciência - o inconsciente.

Esta é apenas uma abordagem teórica do inconsciente. Existem outras definições de sua natureza e sua função, que excluem completamente a possibilidade prática de recorrer à sugestão ou auto-sugestão para enfrentar os nossos males. Por exemplo, há a definição oferecida por Jung com a qual em muitos sentidos eu simpatizo e que talvez valha a pena transcrever aqui. Em *O Homem Moderno à Procura de uma Alma*, Jung escreveu.

"O inconsciente do homem contém igualmente todos os padrões de vida e comportamentos herdados de seus ancestrais, de modo que toda criança humana, anteriormente a consciência, é possuidora de um sistema potencial de funcionamento psíquico adaptador... Embora seja intensiva e concentrada, a consciência é transitória e dirigida para o presente imediato e para o campo imediato de atenção; ademais, tem acesso apenas a material que representa a experiência de um indivíduo estendendo-se por algumas décadas... Mas as coisas são muito diferentes com o inconsciente. Ele não é concentrado e intensivo, mas desvanece na obscuridade; é altamente extensivo e pode justapor os elementos mais heterogêneos da maneira mais paradoxal. Mais do que isso, ele contém, além de um número indeterminável de percepções subliminares, um imenso fundo de fatores-herança acumulados, deixados por uma geração de homens após outra, cuja simples existência marca um passo na diferenciação da espécie. Se fosse permissível personificar o inconsciente, nós poderíamos chamá-lo de ser humano coletivo, combinando as características de ambos os sexos, transcendendo mocidade e velhice, nascimento e morte, e, por ter sob seu comando uma experiência humana de um ou dois milhões de anos, quase

imortal, Se esse ser existisse, ele seria elevado acima de todas as mudanças temporais; o presente não significaria para ele nem mais nem menos do que qualquer ano no centésimo século antes de Cristo; ele seria um sonhador de sonhos antiquíssimos e, devido sua imensurável experiência, seria um prognosticador incoparável. Teria vivido incontáveis vezes a vida do indivíduo, da família, da tribo e do povo; e possuiria o senso vivo do ritmo de crescimento, florescimento e decadência."

Aceita essa espécie de definição, toda a idéia de sugerir idéias a esse "sonhador de sonhos antiquíssimos" pareceria completamente presunçosa. Só um simplório, vivendo uma vida intelectual e espiritual superficial, teria a audácia de dar a esse "ser" sugestões a respeito de negócios, de casamentos ou de saúde. Portanto, tal conceito exclui imediatamente o emprego de sugestões, exigindo abordagens mais sofisticadas.

A Barreira Endopsíquica

Por enquanto, e apenas para propósito desta discussão, admitamos a validade do primeiro conceito do inconsciente, como sendo um titã capaz de responder a sugestões. A teoria afirma, portanto, que, se diante de algum mal corporal ou disfunção pudermos *dizer* literalmente ao inconsciente o que desejamos que seja feito, esses resultados ocorrerão em resposta a nosso desejo concentrado. Teoricamente, a teoria parece correta. Infelizmente, em primeiro lugar, ela não leva em conta que no começo da vida uma barreira impenetrável é erguida dentro da própria psique; uma barreira de inibição é construída entre o inconsciente e o eu pensante consciente uma barreira de preconceitos, falsos conceitos morais, noções infantis, orgulho e egoísmo. Tão profunda é essa barreira blindada, que nossas tentativas de passar por cima dela, contorná-la, atravessá-la são absolutamente impotentes. Ficamos separados de nossas raízes e não temos poder nem capacidade de entrar em contato com o lado mais profundo, o lado instintual, o lado mais potente de nossa natureza.

Todas as várias escolas de auto-sugestão e metafísica têm teorias e técnicas diferentes sobre como vencer a barreira. Que algumas pessoas conseguem é indiscutível. Encontramos quase todo dia um indivíduo aqui, outro acolá que são capazes de "demonstrar" para usar a terrível palavra que eles usam tão facilmente. Esses poucos são capazes de impressionar sua mente inconsciente com certas idéias que parecem cair em campo fértil, frutificar e dar resultados. A esses não podemos desmentir por mais que as vezes desejamos, tão ofensiva é a sua presunção, sua atitude dogmática, sua desconsideração.

Mas a grande maioria dos seus sectários falha lamentavelmente. Não são, obviamente, capazes de vencer as dificuldades pelo emprego das rotinas habituais.

Estou certo de que os sábios e magos antigos conheciam esses problemas conheciamos muito bem. Estou também absolutamente certo de que percebiam que a técnica por eles usados era, entre outras coisas, um processo de sugerir a si próprios uma série de idéias criativas. Mas do que estou igualmente certo é isto: eles aperfeiçoaram um método quase ideal, que se mostrava capaz de penetrar essa barreira endopsíquica até agora impenetrável.

Eram capazes de chegar até esse titã aprisionado, fechado no coração de cada um de nós, e libertá-lo para que pudesse trabalhar com eles e para eles. Assim tornaram-se quase líricos em suas descrições do que podia ser realizado pelo indivíduo que empregasse as técnicas com coragem e perseverança.

Como digo, eles conheciam a existência dessa armadura psíquica e conheciam-na muito bem. Todos os seus métodos eram dirigidos no sentido de mobilizar as forças do indivíduo, reforçar sua vontade e imaginação, a fim de que ele pudesse chegar sozinho a perceber seu parentesco, sua identidade e sua unidade com o eu inconsciente.

O que eram esses métodos, espero descrever com alguns pequenos detalhes nestas páginas. Alguns deles podem parecer-nos irracionais. Certamente são irracionais. Mas isso não é argumento para rejeitá-los sumariamente. Grande parte da própria vida é irracional. Mas cabe a nós aceitar a vida em todos os seus aspectos, racionais tanto quanto irracionais. Uma das primeiras coisas que o paciente psicanalítico aprende é este fato: que ele tem pelo menos dois lados, um racional e outro irracional. Juntos formam um eu único e distinto - sua personalidade. Se nega a existência de qualquer um deles, o paciente pratica violência contra si próprio e deve sofrer as consequências. Ambos esses dois fatores devem ter a permissão de existir lado a lado, cada um deles afetando o outro. Dessa maneira, o indivíduo crescerá, intelectual, emocional e espiritualmente, e todos seus caminhos prosperarão. Com negativa, nada poderá resultar senão complicação, neurose e doença.

Esses processos irracionais que foram instituídos antigamente, como técnicas de Magos, compreendem o uso de invocação ou prece, o emprego da imaginação para formular imagens e símbolos, o emprego do senso religioso para despertar o êxtase e intensidade de sentimentos, e o uso de ritmos de respiração que alteram os costumeiros padrões neurofisiológicos e assim tornam mais permeável as barreiras dentro da própria mente. Tudo o que conduz à intensificação de sentimento e imaginação, que leva à instigação de um êxtase irresistível é encorajado, pois é nesse estado psicológico que as barreiras e fronteiras normais da personalidade consciente podem ser atravessadas em um tempestuoso assalto de concentração emocional.

Concentração e Emoção

É teoria antiga que o inconsciente ou os níveis mais profundos da psique podem ser alcançados principalmente por dois métodos. São eles a concentração e a intensidade de emoção. O primeiro é de realização extremamente difícil. Certamente há métodos pelos quais a mente pode ser treinada a concentrarse de modo que finalmente própria crie um funil, por assim dizer, através do qual sugestões possam ser derramadas no inconsciente para abrir caminho das várias maneiras desejadas. Mas esses métodos são para muito poucos. Só existe um indivíduo aqui, outro acolá que tem a paciência e a invencível vontade de sujeitar-se sozinho por certo período durante o dia, todos os dias, e sujeitar-se a uma férrea disciplina mental.

A intensidade emocional, embora não seja fácil de cultivar, pelo menos está mais dentro dos limites e possibilidades de realização. Foi este método que os antigos magos cultivaram até tornar-se uma arte muito refinada. Inventaram inúmeros meios pelos quais os hábitos fisiológicos normais podiam ser mudados e alterados, de modo a permitir essa invasão da base subjacente ao eu.

Resumindo, existe a adivinhação, a arte de obter de imediato qualquer tipo desejado de informação a respeito do resultado de certas ações e acontecimentos. A chamada leitura da sorte é um abuso. O único propósito da arte é desenvolver as faculdades intuitivas do estudante a tal ponto que finalmente possam ser descartadas todos os métodos técnicos de adivinhação. Depois de alcançado este estágio de desenvolvimento, a mera reflexão sobre qualquer problema evoca automaticamente, a partir do mecanismo intuitivo interior, a informação desejada com um grau de certeza e segurança que nunca poderia ser obtido senão de uma fonte psíquica interior.

Outra fase que talvez tenha sido acentuada mais do que todas as demais é a Magia Cerimonial em seu mais amplo sentido. Incluídos nessa expressão estão pelo menos três tipos distintos de trabalho cerimonial, todos, porém, sujeitos a um único conjunto geral de regras ou governados por uma única fórmula principal. A palavra "cerimonial" inclui rituais para iniciação, para invocação dos chamados deuses e para a evocação de espíritos elementares e planetários. Há também a enorme esfera de talismãs, e sua consagração e carga. Cerimonial é provavelmente o mais ideal de todos os métodos para desenvolvimento espiritual, pois envolve a análise e subsequente estimulação de toda faculdade e poder individuais. Seus resultados são gênio e iluminação espiritual. Mas a atitude pessoal é fator tão poderoso nesta questão, assim como na adivinhação, que embora a palavra "Arte" possa ser aplicada para cobrir sua operação, seria injusto para com a Magia denominá-la Ciência.

O terceiro ramo e em certos sentidos o mais importante para meu propósito específico no momento é a visão ou técnica do Corpo de Luz. É deste último que eu tratarei exclusivamente neste ensaio, pois ele contém elementos que acredito responderem de maneira mais definida do que qualquer outro às exigências da Ciência.

Magia e Qabalah

Ao discutir-se Magia, deve-se pedir perdão ao leitor se continuamente é feita referência a Qabalah. As duas estão tão entrelaçadas que é impossível separá-las. A Qabalah é teoria e filosofia. Por outro lado, a Magia é a aplicação prática daquela teoria. Na Qabalah há um glifo geométrico chamado Árvore da Vida, que é realmente um mapa simbólico tanto do universo em seus principais aspectos, quanto de seu microcosmo, o homem. Sobre esse mapa são desenhados dez continentes principais, por assim dizer, ou dez campos de atividades, onde as forças constitutivas ou subjacentes do universo funcionam as suas respectivas maneiras. No homem elas são analisadas em dez facetas de consciência, dez modo de atividade espiritual. São chamadas *Sephiroth*.

Considerem agora comigo aquela Sefirah especial ou aspecto sutil do universo chamada *Yesod* pelos cabalistas. Traduzida como a "Esfera da Fundação", ela é parte da Luz Astral um plano omniforme de substância magnética, elétrica e ubíqua, interpenetrando e sustentando todo o mundo visível perceptível. Atua como um molde mais ou menos permanente, no qual o mundo físico é construído, com sua própria atividade e constante mudança assegurando a estabilidade desse mundo, como fator de compensação. Nesse mundo funciona a dinâmica de sentimento, desejo e emoção, e, assim como as atividades deste mundo físico, são arrumadas através das modalidades de calor e frio, compressão e difusão, etc., no astral são atuantes atração e repulsão, amor e ódio.

Outras de suas funções é existir na memória da natureza, onde são automática e instantaneamente registrados todos os atos do homem e todos os fenômenos do universo, desde de tempos imemoriais até o presente dia. O mago do século XIX, Eliphas Lévi, escreveu a respeito dessa Luz Astral: "Existe um grande agente que é natural e divino, material e espiritual, um mediador plástico universal, um receptáculo comum das vibrações de movimento e das imagens de formas, um fluido e uma força que pode ser chamada em certo sentido de Imaginação da Natureza..." E novamente ele registra a convicção de que essa é "a força misteriosa cujo equilíbrio é vida social, progresso, civilização, e cuja perturbação é anarquia, revolução, barbarismo, de cujo o caos finalmente se desenvolve um novo equilíbrio, o cosmos de uma nova ordem, quando outra pomba paira sobre as águas enegrecidas e agitadas."

A Luz Astral e o Inconsciente Coletivo

É interessante voltar os olhos desse ensinamento teúrgico para um conceito psicológico que não é muito diferente dele. O parágrafo seguinte é mais ou menos uma paráfrase das idéias de Jung a esse respeito, extraídas de um ensaio intitulado *Psicologia Analítica e Weltanschauung*. É uma extensão de idéias anteriormente citadas. Jung define-o em primeiro lugar como o depósito controlador de tudo, depósito de experiência ancestral de incontáveis milhões de anos, ecos de acontecimentos do mundo pré-histórico ao qual cada século acrescenta uma quantidade infinitesimalmente pequena de variações e diferenciações. Por ser em última análise um depósito de acontecimentos mundiais que encontra expressão no cérebro e na estrutura do nervo simpático, ele se torna, em sua totalidade, uma espécie de imagem imemorial do mundo, com certo aspecto de eternidade oposto à nossa momentaneidade, imagem consciente do mundo. Tem energia peculiar a si próprio, independente de consciência, por meio da qual são produzidos da psique efeitos que influenciam todos nós mais poderosamente a partir de regiões obscuras do interior. Essas influências permanecem invisíveis a todos quantos deixam de submeter a imagem transiente do mundo a adequada crítica e que por isso estão oculta deles. Que o mundo não tem apenas um aspecto exterior, mas também atua poderosamente sobre nós em um presente sem tempo, a partir da mais profunda e mais subjetiva região interior da psique - isto Jung sustenta ser um conhecimento uma forma de conhecimento que, independente do fato de ser sabedoria antiga, merece ser avaliada como fator novo na formação de uma visão

filosófica do mundo. Sugiro, portanto, que aquilo que os magos entendem por Luz Astral é, em última análise, idêntica ao Inconsciente Coletivo da psicologia moderna.

Por meio da tradicional técnica teúrgica é possível estabelecer conscientemente contato com esse plano, experimentar sua vida e influência, conversar com seus habitantes elementares e angélicos, e retornar para a consciência normal com completa percepção e memória daquela experiência. Isto, naturalmente, exige treinamento. Mas o mesmo acontece com qualquer departamento da ciência. Preparação intensiva é necessária a fim de habilitar alguém para observação crítica, fornecer a alguém o alfabeto científico específico indispensável a seu estudo e informar alguém sobre suas pesquisas de seus predecessores naquele reino. Não se deve esperar menos da Magia embora com muita frequência sejam esperados resultados sem a devida preparação. Qualquer um até mesmo com a mais ligeira imaginação visual pode ser treinado para lidar com a técnica mágica elementar pela qual uma pessoa é capacitada a explorar os aspectos mais sutis da vida e do universo. Transcender este "mundo multicolorido" e conseguir admissão nos reinos mais elevados da alma e do espírito é coisa completamente diferente, exigindo da pessoa outras faculdades e outros poderes, particularmente ardente devoção e intensa aspiração ao mais alto.

Mas por este último não estou interessado no momento, embora seja o coração pulsante o aspecto mais importante da Teurgia. É do aspecto científico da Magia, seu aspecto mais facilmente verificável, que tratarei agora. Em outro lugar, eu dei como atribuições ou associações tradicionais da esfera em questão os seguintes símbolos: diz se que seu planeta é a Lua, seu elemento o ar, seu número o nove, sua cor púrpura e também prata em outra escala. A pérola e a pedra lunar são suas jóias, aloés é seu perfume, e seu chamado nome divino é *Shaddai El Chai*. O arcanjo a ela atribuído é Gabriel, seu coro de Anjos são os quatro Querubins que governam os elementos e seus símbolos geomânticos são Populus e Via. Os símbolos do Tarô pertencentes a esta esfera são as cartas de cada um dos quatro naipes com o número IX, e estreitamente associada a ela está também a vigésima-primeira carta de trunfo intitulada "O Mundo". Nela encontraremos retratada uma forma feminina cercada por um festão verde. Realmente a carta de trunfo é atribuída ao trigésimo-segundo caminho de Saturno, que liga o plano material a *Yesod*. Mas como são obtidos esses símbolos e nomes? Qual é a sua origem? E por que são eles chamados atribuições ou correspondências da Sefirah denominada Fundação?

Antes de tudo, a meditação revelará que todos têm uma harmonia e afinidades naturais entre si - talvez não percebidas à primeira vista. Por exemplo, a Lua é, para nós, o planeta que se move mais rápido e percorre todos os doze signos do zodiaco em cerca de vinte e oito dias. A idéia de mudança rápida está implícita, revelando o conceito de que o astral, embora um depósito eterno e imemorial de acontecimentos mundiais, é apesar disso a origem de mutações e alterações que influenciam posteriormente o mundo físico da mesma maneira que impulso e pensamento devem preceder qualquer ação. Seu elemento é ar, um meio sutil que impregna tudo, comparável a própria Luz Astral meio sem o qual a vida é impossível. Nove é o fim de todos os números, contendo em sua soma os números precedentes. permanece sempre ele mesmo quando acrescentado, multiplicado ou subtraído, sugerindo a natureza fundamental, abrangente e auto-sustentadora do reino.

Ainda mais importante, porém, do ponto de vista científico é que são coisas, nomes e símbolos efetivamente percebidos naquela esfera pela visão espírito. Como prova sólida, podem ser citadas numerosas visões e viagens astrais conseguidas por diferentes pessoas em diferentes lugares e em diferentes tempos, nas quais todos os símbolos tradicionais aparecem de forma dinâmica e curiosamente vital.

Verificação Experimental

Magia, já foi observado, é um sistema prático e todas as partes foram idealizadas para experiência. Cada parte é suscetível de verificação empregando-se os métodos apropriados. Cada estudante pode verificar por si próprio e assim descobrir as realidades de sua própria natureza divina, tanto quanto do universo dentro e fora dele, independente do que qualquer outro homem possa ter escrito em livros. Nós pedimos que sejam feitas experiências; exigimos mesmo, para o bem da humanidade. Convidamos o estudante sério e sincero a experimentar por si mesmo, com aquela técnica descrita no capítulo dez de meu livro *The Tree of Life*, e depois comparar seus resultados, a viagem a qualquer caminho ou Sefirah, com as correspondências brevemente delineadas em meu outro trabalho, *A Garden of Pomegranates*, ou no livro de Dion Fortune, *A Cabala Mística*. Com a maior confiança eu digo que cem jornadas realizadas daquela maneira corresponderão em todos os casos com os principais símbolos, nomes, números e idéias registrados nos diversos livros de Qabalah.

Permitam-me citar do registro de um colega duas iluminadoras passagens que ilustram o que pretendo dizer. A seguinte "visão" ou sonho em vigília uma fantasia do chamado trigésimo-segundo caminho.

"Descemos pela larga estrada cor de anil. O céu noturno estava nublado - sem estrelas. A estrada era elevada acima do nível geral do terreno. Havia de cada lado um canal, além do qual podíamos ver as luzes do que parecia ser uma grande cidade. Avançamos assim por uma longa distância, mas depois notei, à distância, uma minúscula figura de mulher, como uma miniatura ela parecia estar nua, mas quando se aproximou, eu vi um xale flutuando à sua volta. Ela tinha na cabeça uma coroa de estrelas e em suas mãos duas varinhas. Veio em nossa direção muito rapidamente e eu fitei fascinado um colar de pérolas que se estendia de seu pescoço até seus joelhos - e, fitando, descobri que havíamos passado através do círculo de pérolas e ela desaparecera!

O estudante de Qabalah que tenha mesmo apenas ligeiro conhecimento do simbolismo do Tarô reconhecerá aqui o vigésimo primeiro Atu de "O Mundo", o caminho atribuído a Saturno, ligando o mundo físico ao mundo astral. Provavelmente ficará muito surpreendido ao saber que os símbolos contidos nessas cartas representam realidades dinâmicas e excessivamente vitais. Mas eu devo passar para uma breve descrição da entrada de *Yesod*.

"Agora o céu está claro e cravejado de estrelas... uma grande lua cheia amarela, ergue-se vagorosamente sobre altas muralhas roxas e uma cidade... Não perdemos tempo olhando em

volta, mas marchamos rapidamente para o centro da cidade, até um espaço aberto, no meio do qual havia um templo redondo como uma bola de prata. A ele se chegava por nove degraus e ele repousava sobre uma plataforma prateada. Tinha quatro portas. Diante de cada uma havia um grande anjo de asas prateadas... Dentro, nos encontramos em um lugar muito arejado. Brisas ligeiras levantavam nossas roupas e nossos cabelos o interior era muito branco e prateado claro - sem cores. Suspenso no centro havia um grande globo, semelhante a própria lua... Enquanto olhávamos, vimos que o globo não estava suspenso no ar; repousava sobre imensas mãos em concha. Seguimos os braços e vimos, lá no alto perto do teto, profundos olhos pretos olhando para baixo, pretos como o céu noturno. E uma voz disse ... "

De pouco adiantaria continuar com o resto da citação. Esta passagem é apresentada aqui exclusivamente para que o leitor possa reportar-se à descrição do plano astral nos manuais e depois e depois à reaparição nessa visão dos símbolos principais e à forma dinâmica de dramatização. Que o estudante preste muita atenção à presença dos números, cores e atribuições planetárias corretas e, acima de tudo, à sugestão de quanto conhecimento valioso pode ser adquirido. Observe as quatro portas do templo - representando os quatro principais elementos, fogo, água, ar e terra. Pois esse mundo astral também é relacionado com o éter

(do qual o elemento ar é um substituto), o quinto elemento que quintessencia os elementos inferiores e de cujo templo os outros elementos são apenas portas.

Suspenso no centro do templo havia um globo, possivelmente o símbolo do elemento ar, que no sistema tattwa hindu é representado por uma esfera azul. Diante de cada uma das portas havia um anjo. Esses são os quatro anjos querubínicos, os vice-regentes dos quatro pontos cardeais e elementos que governam o mundo elementar determinado sob o domínio de uma das letras do Tetragrammaton. Possivelmente são representações da delimitação psíquica interior da áreas espacial da alma, por assim dizer, cuja ausência indicaria uma doentia difusão ou descentralização da consciência. Os quatro pontos cardeais de espaço seriam igualmente representados por essas quatro figuras angélicas - concretizações também do duplo jogo dos opostos morais. Leste é oposto a oeste e norte é oposto a sul, enquanto a cada um destes pontos é atribuída alguma qualidade moral ou função psíquica determinada. A sensação de estar num lugar arejado com brisas ligeiras mostra a atribuição formal do ar - uma curiosa confirmação da dualidade de significação implícita em *pneuma*, vento e espírito, dualidade que ocorre não apenas na língua grega, mas no hebraico, no árabe e em uma porção de línguas primitivas

A Realidade da Magia

Indivíduo após indivíduo foi treinado independentemente para visitar essas outras *Sephiroth*. Embora cada visão seja um tanto diferente, em detalhe e forma, do que aqui foi citado, ainda sim existe surpreendente unanimidade no que se refere aos aspectos simbólicos essenciais. Isto constitui prova científica definitiva da suprema realidade do mundo da Magia e demonstra a possibilidade de experiência e pesquisa pessoais. A

pesquisa científica é possível nesse mundo de realidades astrais e inconscientes, porque elas são coisas afetivas, isto é, influências objetivas que atuam e influenciam a humanidade. Esta esfera é o depósito da experiência mundial de todos os tempos e é, portanto, uma imagem do mundo que se vem formando durante séculos, imagem em que certos aspectos, os chamados dominantes, foram elaborados no decurso do tempo. Esses dominantes são os poderes governantes, os deuses, arcanjos e anjos - isto é, representações das leis e princípios dominantes que funcionam no cosmo. E como é um mundo que funciona na estrutura cerebral e no sistema nervoso simpático de cada indivíduo, é um mundo que está aberto a todos quantos desejam vencer o medo que séculos de má educação projetaram sobre eles e a descobrir por si próprios a realidade de seus impulsos e influências dinâmicas.

Com pouco engenho, é possível realizar provas específicas com o objetivo de testar a relação entre símbolos geométricos, a visão daí obtida por meio do corpo de técnica e correspondências dessas figuras registradas nos livros apropriados. Foi escrito que os vários elementos - fogo, água, espírito, ar e terra - são atribuídos às cinco pontas do pentagrama. Dependendo inteiramente da direção em que linhas são traçadas, a figura invocará ou banirá os seres pertencentes àquele elemento. Por exemplo, se o estudante traça o Pentagrama de invocação de Fogo em cada um dos quatro pontos cardeais e depois emprega a sensível vista do Corpo de Luz anteriormente cultivada, ele verá aparecer quase imediatamente os cinco elementos ou salamandras, os componentes ígneos personalizados de sua própria psiquê. O traçado do Pentagrama de banimento do fogo fará com que eles literalmente fujam sem hesitação, caindo no reino inconsciente a que pertencem e de onde foram chamados.

Ou então que o estudante faça essa experiência na presença de um clarividente de confiança, não mencionando que figuras estão sendo traçadas. Os resultados serão altamente esclarecedores. Sei que pode ser levantada alguma objeção, tendo como resposta imediata "telepatia". Mas até onde posso ver, a resposta levanta problemas muito mais obscuros do que o fundamento lógico com que é feita a objeção. Isso porque a telepatia certamente exige explicação em linhas científicas e dignas de confiança muito difícil nesta altura do jogo. Esses numerosos outros testes rigorosos constituem a experiência científica definida e precisa, de natureza significativa e altamente autorizada.

No sentido de que várias pessoas podem percorrer certos Caminhos e lá sofrer experiências nas quais os aspectos essenciais são idênticos ou nas quais os dominantes psíquicos coincidem, a Magia pode ser aceita como ciência definida e coerente. É precisa e exata. A Magia é o registro acumulado da experiência psíquica e espiritual que herdamos do passado, de gerações anteriores da humanidade.

Por outro lado, é claro que cada uma dessas visões diferenciase materialmente quanto ao contexto, isto é, o senso dramático. O contexto, ato e cena, por assim dizer, depende inteiramente da idiosincrasia individual, integridade intelectual e capacidade espiritual de descobrir e absorver a verdade, seja ela penosa ou não ao ego. Onde o elemento pessoal entra tão poderosamente como aqui, a aventura deve ser rotulada de arte. Imaginação criativa será usada em uma pessoa para formular, com um conjunto convencional

estabelecido de símbolos, toda uma fileira de incidentes e experiências iluminando e tendendo à expansão da consciência que para a visão de uma pessoa simples e sem imaginação ocorreria em forma mais simples e banal.

Pessoas sofisticadas, com conhecimentos superficiais da psicologia moderna, provavelmente pressupõe que Magia nada mais revela do que as profundezas ocultas do inconsciente. Dirão que essas viagens são comparáveis a experiências de sono relacionadas com o poder atuante e dramatizador da mente subconsciente. Que diferença faz se o cabalista deu a essa esfera ou tipo de consciência a denominação deu a essa esfera a denominação de Fundação ou Mundo Astral e os modernos chamam-no de "inconsciente"? Os termos são cognatos e os símbolos intercambiáveis: ambos significam a mesma coisa, quanto tudo é levado é levado em consideração. Se a magia possui armas que são mais penetrantes e incisivas do que as científicas, devemos rejeitá-las porque a magia é a casa da desacreditada onde estão guardadas? Se métodos mágicos revelam nossos eus secretos mais diretamente e abrem o vasto depósito de sabedoria e poder dentro de nossas almas, mostrando-nos como controlá-las de maneira que nem a psicanálise nem sequer a ciência moderna conseguiu fazer, devemos cometer a tolice de rejeitar seus benefícios?

A Magia é um método científico. É uma técnica válida. Sua abordagem do universo e do segredo da significação da vida é legítima. Se nos ajuda a familiarizarmos nos mais com o que *realmente* somos, é uma ciência e uma ciência muito importante. E para os cientistas, sejam psicólogos ou físicos, abre um universo inteiramente novo de tremenda largura e profundidade. Se consegue fazer de nós homens e mulheres melhores, um pouco mais bondosos e generosos, um pouco mais conscientes das alturas espirituais a que somos capazes de chegar apenas com pequeno esforço, então é a religião das religiões. E se nos impele a maiores esforços a fim de tornar a vida e o viver mais belos e inteligíveis, se nos torna mais inteligíveis, se nos torna mais ansiosos por eliminar feiúra, sofrimento e ignóbil miséria, certamente é um arte diante da qual todas as outras Musas devem curvar a cabeça e dobrar os joelhos em louvor reverente e perene!

ELABORO PARA UPASIKA
AIHR2004